CEDEM_O_INIMIGO_DO_REI_S/D_N_15

FUNDO DK | CEMAP P2/24

O INIMIGO DO REI

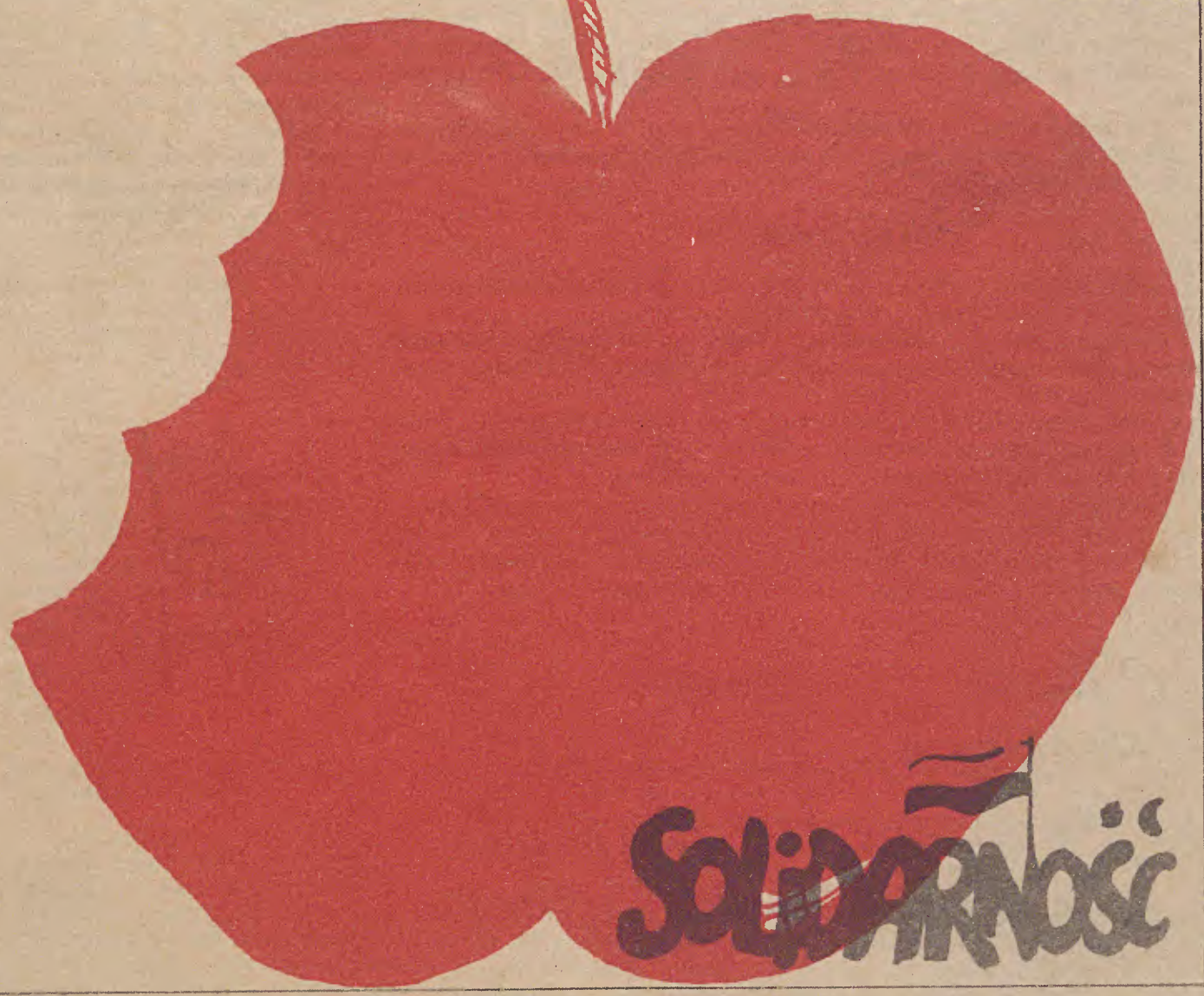
Cr$ 60,00 — Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

ANO 5 — Nº 15

ENFIM UM JORNAL ANTI-MONARQUISTA

POVO POLONÊS MORDEU A MAÇÃ DO PECADO E EXIGE AUTOGESTÃO

CEMAP - HEMEROTECA
CLASS.



A ESCOLA DA SUBMISSÃO

A REVOLUÇÃO RUSSA

CONTADA POR ARCHINOV

A LUTA CONTINUA

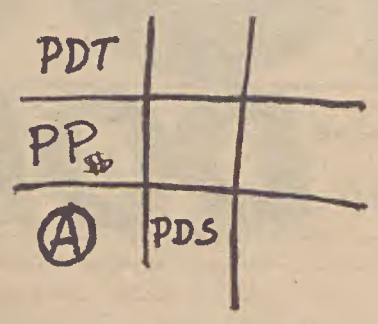
AUTOGESTÃO A PROPOSTA ANARQUISTA

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

PARA AS ELEIÇÕES DE 82!

"CANNABIS PRÁS CABEÇAS"

PACOTE ELEITORAL: A FORÇA DA DITADURA



A principal meta proposta pelo governo militar do general Figueiredo é a abertura política. Este processo vem sofrendo constantes abalos e, até retrocessos.

A abertura é, na verdade, uma forma de camuflar um governo extremamente autoritário em vestes democráticas. Mas o processo não está conseguindo se concretizar por uma série de fatores. Vejamos alguns: a vitória da linha dura dentro do governo (saída de Golbery, volta de Leitão de Abreu); a perda de representantes oficiais (PDS) para os partidos de oposição (Congresso Nacional); as constantes greves que começam a abalar a estrutura do partido oficial e dos confiáveis; o descrédito popular quanto a política econômica do Ministro Delfim Netto.

Este quadro político fez com que o governo necessita-se de medidas políticas mais coercivas para não perder o controle do país e vencer as próximas eleições.

O GOLPE BRANCO

A maior preocupação do governo neste momento são as eleições, já que a linha dura deseja se perpetuar no poder.

Em vista disso, teve que condenar uma série de líderes sindicais, entre estes Lula, Gilson, Djalma e Alemão, para enfraquecer o movimento operário.

Após os episódios da Sublegendas e da posse do Aureliano, as oposições são golpeadas com um pacote eleitoral que reduz as possibilidades de sobrevivência dos partidos da oposição parlamentar.

Sobrou para essa oposição uma fusão. Que não deve ser tão difícil assim, pois os partidos são burgueses e tem interesses comuns. A briga existente é de lideranças, há muitos caciques para poucos índios, o que causa uma forte desunião que só favorece o grupo palaciano.

E ao mesmo tempo em que a oposição discute o pacote eleitoral e a provável fusão, ela deixa de discutir e se organizar para lutar contra interesses mais prementes que são os da própria economia nacional, atravessando séria crise interna, agravada por uma economia internacional desestabilizada. Com isto, o governo cria uma folga na área econômica, enquanto retoma a direção do futuro político do país.

QUE PARTIDOS SE FUNDIRÃO (OU SE INCORPORARÃO)

Não é difícil fazer um prognóstico. Em princípios o PMDB e o PP devem se fundir tranquilamente, pois a ala "autêntica" do PMDB acredita que o próximo governo do Brasil deve ser exercido por eles, e que o mesmo deverá ser moderado, fechando com a política adotada pelo PP.

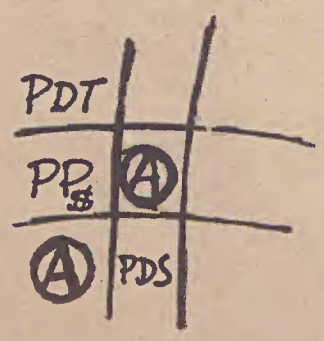
O PDT, do Eng. Leonel Brizola, está fazendo onda para, como partido pequeno, conseguir algumas vantagens na fusão, pois, os grandes precisam dele para conseguirem sobreviver.

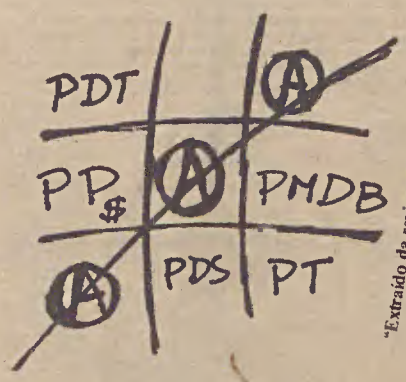
O PTB, da Sra. Ivete Vargas, Jânio Quadros, Sandra Cavalcante e Paulo Pimentel, é imprevisível, está esperando uma definição dos outros partidos, e pode até se fundir com o PDS.

Somente o PT não deve entrar nesta ladainha, pois não se apresenta como partido burguês, o que deve lhe causar uma acentuada indiferença pela fusão com as demais oposições, caso contrário ficará desmoralizado perante os operários. Isto fará com que o PT provavelmente desapareça, o que reativará a ação dentro de uma linha sindical revolucionária.

Dentro deste caleidoscópio só se pode prever, com quase certeza, mais uma vitória CASUÍSTICA da ditadura militar, que deverá continuar mandando por mais um bom tempo, pelo menos enquanto servir como aliada dos grandes empresários e financistas nacionais e das Transnacionais.

IK.
Inimigo do Rei/Poá
3/12/81





"Extraído da revista Out-Door/SP — nº1"

O "PACOTE ELEITORAL" SÓ SURPREENDEU AOS QUE ACREDITAVAM NA CONCILIAÇÃO DE CLASSES, AOS QUE PRECISAM DA CLEMÊNCIA DO REGIME PRÁ SOBREVIVER.

PARLAMENTAR...?
E'
PRÁ LAMENTAR!

EXPEDIENTE

Diagramação: Faraó e Bigode
Arte: Leco, Éton, Igê
Foto: Renato, Jesus Carlos, José Carlos
Jornalista Responsável: Antonio Carlos Pacheco
O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria "A" (CGC/MF 141727871/0001-63. Rua 21 de Abril, nº 8. sala 21. Relógio de São Pedro, Salvador, Bahia, Brasil.
Composição e montagem: Editora Letra Ltda.
Impresso nas oficinas da Cia. Editora Joruês - Rua Gastão da Cunha, 49 - Tel.: 531-8900 - S. Paulo - SP.

O INIMIGO DO REI PROPÕE:
DEPOSITAR O LIXO ATÔMICO DAS USINAS EM "BRASÍLIA" E PRESERVAR O "RASO DA CATARINA"

A discussão no Movimento Estudantil coloca em questão o autoritarismo centralista e burocrático das tendências que dominam o M.E. até o momento. Surgem em diversos Centros Acadêmicos grupos de estudantes que tentam superar as contradições nas quais as tendências afundaram o movimento. Este texto é parte dessa discussão, na qual coloca a questão da **ação direta e da autogestão.**

(A ESQUERDA (CINZA) NÃO GOSTA DE FLORES)

Ou porque a Reitoria e o DCE da PUC não gostaram da invasão dos alunos.

Dia 22/09/81, foi o quarto aniversário da invasão da PUC pelos cruzados da "revolução" de 64, comandados pelo Cel. Erasmo Dias, em 77. Para lembrar tão nefasta efeméride o pessoal do grupo "De corpo inteiro" da PUC organizou uma "invasão" cultural pelos próprios alunos. Segundo leio na reportagem da FOLHA (23/09 pág. 16) a invasão foi feita por um grupo de estudantes vestidos com uniformes de vários países, que atiravam flores nos alunos que assistiam. Além disso houve apresentações musicais, mostra de fotografia, poesia e projeção de filmes. Segundo nos mostra a reportagem, centenas de alunos assistiram essa "invasão".

Interessante, porém, foi que a Reitoria e o DCE da PUC, não gostaram da forma como o evento foi realizado. Em nota distribuida, dona Nadir diz que esta era uma data triste e que não podia ser lembrada em uma pretensa (sic) manifestação cultural de um grupo de seus alunos. Que além disso todos os grupos deveriam "aprender a respeitar os interesses e direitos da maioria "os fins da instituição". Que as atividades escolares precisavam ser preservadas.

Já o DCE disse que encampava qualquer manifestação "desde que ela fosse estruturada dentro das entidades representativas dos estudantes", no caso o DCE. Apontam também o fato de que o Cel. Erasmo e o delegado Romeu Tuma haviam sido "convidados" para assistir à invasão e que eles não concordavam com isso.

Com essas atitudes, fica claro que a esquerda cinza ainda não conseguiu se livrar do medo que tem da alegria e do tesão. A reitoria da PUC faz jus à sua condição de "católica" e não consegue admitir que a sua "instituição" autênticas não tutelada. Afinal, foram alguns alunos que invadiram mas quase todos assistiram às manifestações e gostaram. E o tesão assusta. Afinal, a Igreja foge da alegria e do tesão como o diabo foge da cruz (ai!) Aqui não poderia ser diferente.

Já o DCE, na sua "religiosidade" centralista (prá não dizer outra coisa) tem medo de toda e qualquer manifestação que não tenha a sua "direção".

É o mesmo medo que o governo brasileiro (ou americano, russo, polonês...) tem de qualquer manifestação autônoma, de qualquer expressão organizada a partir de pessoas que assumam a sua vida, a sua voz, o seu direito de expressão e o medo que o poder tem de ser contestado no "direito" que se arroga de acabar com a liberdade.

Chega! Esse pessoal vai ter que ver que as coisas precisam mudar radicalmente (as relações de poder têm que ser destruídas e não os nomes mudados). Vai ter que ver também que sem tesão, ninguém vai ser militante. Não vamos mais seguir a religião que nos promete entrar no paraíso, nem a que nos promete entrar na História, nem a que nos promete o prazer pra depois da morte, nem a que nos promete para depois da revolução. Quero prazer aqui e agora. Utopia aqui e agora. Negar o poder que está no poder e o que quer tomar o mesmo poder.

Temos que invadir sim! nossas escolas, nossos locais de trabalho, temos que invadir nossa vida e retomá-la para nós. Percebemos isto e nos lançamos na luta "de corpo inteiro". E sentimos que vale a pena até mesmo morrer por isso, porque viver alimentados de neuroses e repressões internas e externas é uma bosta.

A revolução não é cinza! é azul, cor de rosa e cintilante. Sem tesão não há massa que se mova, nem ninguém que se liberte. Chega de religião, espiritual ou material. Vocês não estão entendendo nada! VIVA CACILDA BECKER!

Um beijo e uma rosa para todos. O sonho não acabou.

ATO LIVRE

A ESCOLA DA SUBMISSÃO

"COLETIVO AUTONOMIA DE PROFESSORES/SP"

Como já é notório e sabido o atual prefeito de São Paulo, Sr. Reinaldo de Barros, é um dos futuros candidatos pelo PDS ao governo do Estado. Herdeiro de uma maravilhosa tradição política, o ilustre Prefeito não poupa esforços: viaja de coletivo — vazio, é claro — em seu gabinete atende favelados e representantes dos movimentos comunitários, vai até a periferia inaugurar obras de caráter social, serve de mediador nos caos de invasão de terra. Além disso, assinou o Projeto reestruturando a carreira dos professores municipais, permitiu a contagem recíproca de tempo de serviço e exigiu que todo o funcionalismo municipal se beneficiasse dos direitos oferecidos pela contribuição ao Montepio.

Na área educacional o Reinaldo está levando avante o seu projeto, ou seja, oferecer escola para todas as crianças de 3 a 6 anos de idade. Para tanto, diversas Escolas Municipais de Educação Infantl (EMEIs) são inauguradas e construídas com bastante rapidez (afinal 82 está aí), principalmente na periferia de São Paulo. Como não podia deixar de ser, o Sr. Prefeito e toda a comitiva vai para esses bairros fazer a sua média e entregar à população as pérolas educacionais que são as EMEIs.

Como podem ver, srs. leitores, o digníssimo Prefeito é uma dádiva que nos aparece nesse momento de crise econômica, política, social e sexual. Criticar o Sr. Prefeito é, portanto, um absurdo: de gente boa não se deve falar mal, porque nasce verruga na ponta da língua ou, em caso de injúria muito grave, fulmina com o raio da morte.

Os objetivos das EMEIs são: atender a escolarização. Isto tudo na teoria, que precisam trabalhar e não têm com quem deixar seus filhos, oferecer uma boa alimentação para crianças em idade pré-escolar e as prepararem para a escolarização. Isto tudo na teoria, pois na prática as coisas são um pouco diferentes.

Existem dois tipos de EMEI na periferia de São Paulo: as de madeira de ótima qualidade (a prova de ratos) e as de tijolos. Cada tipo apresenta "pequenos" problemas relativos à construção mas em ambas, o central é que elas são projetadas para abrigar um número reduzidíssimo de crianças (200) e para solucionar esse inconveniente, optou-se pela solução mais "racional": classe superlotadas (em média 50 alunos), três turnos de aula e não se assustem, classes sem sala de aula.

A alimentação oferecida nesses escolas faz com que crianças raquíticas fiquem gordas e fortes, alimentando-se com as três refeições servidas e durante cinco dias por semana. A superprodução de soja é a causadora desse milagre físico, pois nas EMEIs a soja é servida nas suas variações (leite, pão, feijão, carne e doce) e em grande abundância. Atualmente, como a produção de galináceos não está encontrando saída no mercado, as crianças estão sendo beneficiadas com esse tipo de carne, no mínimo, duas vezes por semana. Como podem ver, a superprodução de alguma coisa é o prato principal das EMEIs. Só esperamos que nunca se descubra uma maneira de transformar a m.... em algo comestível.

Mas é na área educacional propriamente dita, que as EMEIs são verdadeiras jóias raras. Preocupado em preparar as crianças para uma escolarização sem traumas e mais eficiente, a burocracia educacional elabora seus projetos baseados nas mais modernas teorias pedagógicas, importadas de países desenvolvidos e oferece às escolas um sofisticado material didático. Na maioria das vezes, esse material é abandonado intacto nas escolas, devido a uma incompatibilidade com as condições ambientais.

Para a burocracia educacional uma EMHI deve ser uma ilha dentro desse mundo atormentado que vivemos: tranqüila, agradável, descontraída e sem imposições para que a criança ao brincar, desenvolva suas capacidades físicas e intelectuais e aprenda certas noções de higiene, matemática, história e ciências.

Para a burocracia educacional uma EMEI deve ser uma ilha dentro desta conversa fiada para americano ouvir. As faladas teorias pedagógicas, ficam nos arquivos, os materiais didáticos nos almoxarifados e o ambiente tranqüilo nada mais é que uma verdadeira fábrica de loucos.

Permanecendo 8 ou 12 horas diariamente as crianças aprendem, de fato, a ficar em posição de sentido quando se hasteia a bandelra nacional, a acatar as ordens dadas, a obedecer ao sistema e a se conformar com a sua realidade. Abandonadas nessas escolas, elas são impedidas de manifestar suas potencialidades, de dormir quando têm sono, de comer o que quiserem e quando estiverem com fome de brincar livremente e de serem companheiras umas das outras; e quando manifestam desinteresse por aquilo que exigem que façam, ou resolvem ir contra todo o sistema imposto, lá vem a tia repressão com as "modernas" técnicas de persuasão: a palmada na bunda, o puxão de orelha e as ofensas verbais.

Entretanto, pior que tudo isso é a mentalidade da maioria das professoras de educação infantil. Formadas dentro de uma visão puramente técnica e inconformadas com a ausência de limpeza e beleza, características da miséria, elas não conseguem e não querem perceber as artimanhas do poder e o papel que desempenham dentro do sistema. Afinal, dizem elas, comer, não apanhar, conviver com alguém e fazer alguma traquinagem é bem melhor que ficar no barraco com fome, sózinho e levando grandes surras. — (Mas só porque a vida é ruim, é que vamos nos conformar com o menos ruim?)

Com classes superlotadas, professoras neutorizadas, bandos de crianças entrando e saindo, ideais burgueses sendo inculcados, é assim que são tratadas as crianças nas escolas. Sem possibilidade de reclamar e de exigir respeito aos seus direitos, vão perdendo sua infantilidade, se tornando agressivas e confusas, incorporando idéias burguesas, aceitando o sistema vigente e se conformando com a sua trise realiade.

Agora, qualquer alteração desse quadro, só será feita por aqueles que têm descontado de seu salário, o imposto educação. Esperar a boa vontade das autoridades é se conformar com a situação, é fazer olho grosso, é cooptar com o sistema. Reivindicar mais verbas para a educação e mais escolas, é uma justa exigência, mas só isso não basta. É preciso exigir também que os interessados possam interferir e participar no processo educacional de seus filhos, é preciso exigir que as escolas sejam da e para a comunidade e não para e do Estado.

Nesse sentido, pensar em formas alternativas de educação, discutir nos sindicatos, locais de trabalho e moradia possíveis maneiras de participação nas escolas é obrigação de todos. Se persistirmos em exigir por exigir, em simplesmente gritar slogans de efeito, continuando inconscientes daquilo que queremos para nossas crianças, corremos o risco de ter nossas exigências atendidas apenas pela demagogia de nossos políticos.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O INIMIGO DO REI SOLIDARIZA-SE COM A OCUPAÇÃO DAS TERRAS IMPRODUTIVAS NO BRASIL

Autogestão. A proposta Anarquista

É comum a confusão que se faz entre *cooperativismo, controle operário, participação operária* e *autogestão*, entretanto são conceitos completamente diferentes, não obstante algumas aproximações como iremos ver.

COOPERATIVISMO

Sabe-se que as cooperativas de consumo foram criadas depois das Guerras Napoleônicas. Existiam quatro tipos: lojas de venda a varejo,, bancárias, industriais e agrícolas. Por volta de 1833 havia quatrocentas cooperativas na Inglaterra.

Em 1844 um grupo de 28 tecelões de *Rochdale*, Inglaterra, constituiram uma organização com objetivos de reunir forças para reduzir custos e atender necessidades básicas. Abriram uma loja de fazenda em *Toad Lane*, registrada como sociedade de socorros-mútuos, e sua fama adveio do fato de terem feito funcionar um sistema em que os lucros das vendas eram distribuídos pelos membros da sociedade, proporcionalmente, as suas compras. Assim os clientes cotistas obtinham proveitos que de outro modo teriam sido lucros embolsados pelo dono da loja particular.

O movimento se difundiu pelas regiões industrializadas da Inglaterra, Escócia e sua popularidade se deve ao pagamento de "dividendos a boa qualidade" dos produtos vendidos e ao método democrático de um voto para cada membro, qualquer que fosse o número de suas ações.

Em 1851 havia cerca de 130 cooperativas de consumo na Inglaterra e a característica comum de todas elas é que tinham sido criadas pelos próprios trabalhadores.

Um decreto de 1862 permitiu as *Sociedades Cooperativas* se registrarem como companhias de responsabilidade limitadas e como podiam investir dinheiro, umas nas outras, efetuaram fusões e outros arranjos, surgindo cooperativas de produtores e associações de armazenistas.

As cooperativas alemãs (Konsun) foram criadas por reformadores filantrópicos da classe média, em 1860. Na Alemanha também surgiram os bancos cooperativos cujo capital consistia em cotas de membros e depósitos de várias espécies. O crédito só era concedido a membros. As atividades dos bancos cooperativos se limitavam a uma cidade.

Uma análise sobre a propriedade desses bancos, em 1890, mostrava que 29,3% dos acionistas eram lavradores, 27,9% artífices, 17,3% lojistas, 11,6% assalariados, 13,9% empregados.

Cooperativas de produtores agrícolas e industriais foram organizados na Europa no século XIX e encontraram campo fértil principalmente na Dinamarca, para criadores de gado bovino, porcino e de pequenos proprietários que dependiam da exportação para viver. Em 1906 os dinamarqueses produtores de laticínios estavam organizados em mil sociedades cooperativas com 157.000 afiliados.

Em França, 1840, o socialista Louis Blanc, advogou o estabelecimento de cooperativas de produtores. Em 1906 existiam 338 sociedades, sendo que o grupo maior, 112 sociedades, ocupavam vários ramos do negócio de construção. Havia semelhanças entre as cooperativas dos produtos em França e os antigos *Artels* da Russia. As aldeias Russas camponesas cooperavam na compra de matéria-prima e venda de artigo manufaturado. Associavam-se em oficinas, forjas e fundições. Na indústria de construção carpinteiros, marceneiros, pedreiros etc, formavam *Artels* cooperativos para a construção de edifícios.

O fato verificado foi que as cooperativas agrícolas tiveram melhor êxito que as industriais. É bem claro que com o evoluir do cooperativismo, *que tinha como ideal a eliminação do intermediário, a produção para atender as necessidades do homem, eliminação dos lucros excessivos, ainda que sem entrar em choque com o mundo capitalista, foi sendo gradativamente absorvido pelo sistema de lucro e exploração, acabando por se abastardar em quase todas as partes.*

Bakunin, no jornal L'égalite, em 1869, assim se manifestava: "Também nós queremos a cooperação. Também nós estamos convencidos de que a *cooperação em todos os ramos do trabalho e da ciência será a forma predominante da organização social do futuro. Porém, ao mesmo tempo, sabemos que somente poderá prosperar, desenvolvendo-se plena e livremente e abarcar toda indústria humana, quando esteja fundada sobre a equidade, quando todos os capitais e instrumentos de trabalho, incluído o solo, sejam restituídos aos trabalhadores, a título de propriedade coletiva. Consideramos essas reivindicações como o pressuposto, e a organização da potência internacional dos trabalhadores de todos os países como missão principal de nossa grande associação. Uma vez admitido isto, não somos adversários das iniciativas atuais de cooperação, ao contrário achamô-la necessária, sob muitos aspectos. Antes de mais nada, e é isto, a nossos olhos no momento sua principal vantagem, habituam os operários a organizar, a fazer, a dirigir por si próprios seus assuntos, sem nenhuma intervenção do capital ou direção burguesa*".

Na prática, rapidamente as cooperativas cresceram, um enorme quadro burocrático remunerado assumiu suas direções e gradativamente foram se distanciando de suas finalidades primitivas.

É justo, porém, proclamar, como fazia Bakunin, que as cooperativas prestam certos benefícios, mas que se afastam radicalmente da *autogestão*, por se verificar apenas no plano da produção e consumo das necessidades humanas.

A cooperativa permanece, quando autêntica, isto é, constituída em suas bases de pequenos grupos, sem quadro burocráticos remunerados, ilhas de ajuda-mútua, dentro da estrutura capitalista. Como exemplo temos as cooperativas de consumidores das Associações de Moradores do Rio para produtos hortigranjeiros.

Não é por sua disseminação que se atingirá a abolição do Estado e do sistema capitalista; ao contrário, a abolição de ambos é que permitirá a totalização cooperativa da sociedade. Porém essa nova condição já será *autogestão.*

CONTROLE OPERÁRIO

A confusão sobre o conceito de *controle operário* é em parte de terminologia. Uma separação deverá ser feita entre *controle* e *gestão*. Embora as duas noções se assemelhem, por exemplo, em francês temos *Controle* e *Gestion;* em espanhol *Controle* e *Gerencia;* em russo *Kontrolia* e *Upravlonive*, que distingue nitidamente a dominação total da dominação parcial dos produtos sobre o processo produtivo.

Na gestão *(autogestão)* a classe operária (o produtor coletivo) toma todas as decisões fundamentais. E fá-lo diretamente, através de organismos de sua escolha exclusiva, com os quais se identifica totalmente ou que pode completamente dominar, tais como *Comites de Fábrica, Conselhos Operários.* Estes corpos, compostos de delegados eleitos em assembléias gerais e revogáveis a qualquer momento, deverão normalmente federar-se numa base regional primeiro, e nacional em seguida. Eles decidem — deixando a maior autonomia possível as unidades locais — o que produzir, como produzir, a que preço e porque preço.

No *controle operário* as decisões fundamentais são tomadas do "exterior" isto é, pelo Estado, pelo Partido ou por organismos sem integração direta no processo produtivo. A separação de produtores e gerentes (base das sociedades atual) permanece. Os efeitos opressivos deste tipo de arranjo manifestam-se a curto prazo. Isto verifica-se independentemente da boa vontade dos revolucionários sinceros, e mesmo que estes consigam instituir a prática de que as orientações políticas sejam periódicamente submetidas às bases, para a retificação.

Gerir (autogerir) é ter a iniciativa das decisões, como soberano individual ou coletivo, em pleno conhecimento de todos os dados. *Controlar* é vigiar, inspecionar ou testar as decisões tomadas por outros.

O *controle* implica uma limitação de soberania ou, no mínimo, um estado de dualidade de poderes, quando uns determinam os objetivos e os outros detém os meios.

PARTICIPAÇÃO OPERÁRIA

Participar é atuar individualmente em toda atividade social. É prestar trabalho, dar contribuição, porém sem possibilidade de tomar decisões.

Torna-se bem claro que *participar* não é autogerir, determinar os turnos e os objetivos de um empreendimento, mas simplesmente se engajar em uma atividade préexistente que já tenha seu rumo e finalidade previamente estabelecidos.

Há uma carência de iniciativa própria e de predeterminar finalidades na *participação operária.* Há evidentemente na participação uma colaboração com a empresa e seus limites estão muito permeados com o que denominamos de *cogestão na organização prática e técnica do trabalho.*

Há uma imagem que retrata aproximadamente a participação, é uma orquestra e seu maestro. Um participante do conjunto orquestral é obrigado a seguir uma partitura, coordena sua atuação com os demais músicos e obedece às determinações do regente.

AUTOGESTÃO NA IGREJA? SÓ DEPONDO O PAPA!

AUTOGESTÃO e a IGREJA

D. Edmundo Kunz, Bispo Auxiliar de Porto Alegre, vêm de propôr como alternativa ao capitalismo e ao socialismo marxista a **Autogestão.**

Esse sistema diz: ***"Tende a eliminar o regime de salário ou mão-de-obra, concedendo ao fator trabalho tôda a decisão e o resultado econômico".***

A Fazendo clara distinção com a **Co-gestão** *ou* **Codireção,** *que* ***"significa apenas Participação dos empregados na direção das empresas ao lado dos representantes do capital (...) Não transformando, por isso, os modos de coovivência nas outras Áreas da sociedade".***

Afirma também que: ***"A construção dessa nova sociedade exigirá profundas mudanças de estrutura de todos os tipos de selecionamento social e não somente das relações de capital e trabalho nas empresas".***

Três exigências são arroladas para o estabelecimento da sociedade autogestionária: ***"Liberdade com responsabilidade social, novo modo de vida em que os homens valem pelo que são e não pelo que tem, e autonomia dos movimentos sindicais".***

Agregarìamos mais duas exigências: a supressão das relações autoritárias e hierarquizadas em todos os níveis da vida social e a imediata **auto-gestão** *dos movimentos visando a sociedade auto-gerida.*

A "terceira via", a **autogestão,** *foi tema de debate em dois seminários de agricultores patrocinados pela Igreja e a Frente Agrária Gaúcha (FAG) na Faculdade de Filosofia de* **Viamão** *(R.G. do Sul).*

O **Inimigo do Rei** *anota a clareza e precisão das afirmações do Bispo D. Edmundo Kunz e ressalta que dentre os inúmeros documentos divulgados pela ala progressista esse é o único opondo tanto ao capitalismo individualista quanto ao socialismo marxista, êsse é o único que se pronuncia pela via libertária, ácrata, da* **autogestão global.**

Nem essa colcha de retalhos e de anbiguidades que é a **Encíclica Laborem Exercens** *(Através do Trabalho) do Papa João Paulo II, encontramos afirmações claras.*

Em outro trecho afirma as proposições anunciadas pela Igreja: "Co-propriedade dos meios de trabalho, a participação dos trabalhadores na gestão e lucros das empresas, o chamado "acionarismo" do trabalho."

Tudo isso de que fala o Santo Padre se destina aos parvos para melhor explorá-los.

Quanto ao santo D. Edmundo, que pertence a uma instituição hierarquizada, centralista, latifundiária, capitalista, Deve estar numa tremenda contradição. Pois para se atingir a **autogestão dos fins,** *temos que partir da* **autogestão dos meios,** *isto é, da* **autogestão das lutas,** *aqui e agora.*

A Igreja, é de domínio público, e está inserida dentro do sistema capitalista. Possue indústrias, ações, bancos, propriedades em todas as partes do mundo. O banqueiro do Vaticano, Bispo Paul Marcinkus, em 1970, associou-se ao banqueiro Michele Sindona, que falindo fraudulentamente em 1975, deu um prejuízo ao Vaticano de 250 milhões de dólares.

São notórias as ligações do Vaticano com o Morgan Garanty Trust (New York), Credit Suisse, Chasse Manhattan, First National; além de suas transas com a Alfa Romeu, Hilton Javaliere Hotel, Montreal's Reedbrook, S.L., Inmobiliare Corinto de Qaris.

Que D. Edmundo repense seriamente o assunto,

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Ⓐ O INIMIGO DO REI, REPUDIA A CONDENAÇÃO DE RICARDO KOTCHO e DENUNCIA A PRISÃO DE ANTONIO CRISÓSTHOMO, PRESO SEM CULPA FORMALIZADA

..E O LEÃO RODOU A BAIANA ...

Nestor Perlonger

O maior mérito do livrinho HOMOSSEXUALISMO: DA OPRESSÃO À LIBERTAÇÃO, assinado por Hiro Okita e editado pela Proposta Editorial, reside na clara intenção de articular uma história da homossexualidade. De fato, aí se busca desde os primórdios a articulação de um conceito que (recordem-se os memoriosos) só recentemente haveria de ser inventado: em meados do século XIX, uma série de categorias medievais de pecado - como a sodomia, heresia, ato contra a natureza, etc. - foram finalmente reunidas sob a denominação geral de "homossexualidade". O esquematismo resultante dessa a-historicidade conceptual explica, por sua impaciência, uma quantidade sistemática de pequenos erros onde se incorre mais por certa mania mecanicista de ver as coisas do que por falsificação deliberada. Essa retórica maniqueísta tropeça, por exemplo, ao falar do patriarcado pederástico dos gregos: para o autor, o patriarcado seria "mau" e a homossexualidade "boa". Donde ele opta por dissimular o caráter institucional do homoerotismo helênico e, em conseqüência, o caráter constitucional da misoginia desse mesmo período histórico. E, no entanto, essa haveria de ser a característica da ordem patriarcal até nossos dias, depois de ter sufocado a libertinagem orgiática dos pagãos e, naturalmente, reprimido toda manifestação homossexual. No caso, detecta-se a mesma necessidade de explicar a perversão a partir de certas receitas marxistóides sem absolutamente aludir a essa "coisa execrável" chamada desejo. Tudo é política, tudo é economia - mas nenhuma das duas é libidinal.

No entanto, serão baldados os esforços em procurar nesse livro uma legitimação teórica, do ponto de vista "leninista", para a existência de uma "Fração Homossexual" num partido "proletário". O autor passa por cima dessa dificuldade e mostra a mais fresca naturalidade ante o que pareceria facilmente um monstrengo ideológico. É verdade que não se pode esquecer as possibilidades revolucionárias de um enxerto homossexual dentro do conceito marxiano de "sujeito histórico".O marxismo, com efeito, parte de homens "acabados" que foram estruturados segundo o modelo vitoriano de indivíduo, desprezando o "livre jogo das paixões" do utopista Fourier e os excessos românticos de alguns anarquistas do período. O modelo monogâmico proposto por Engels, assim como seu espanto ante a pederastia, não são tanto fruto da "ignorância da época" mas produto de uma identificação com a vontade moralizadora da burguesia do século XIX, em contraposição com posturas mais audaciosas - já Sade, em plena Revolução Francsa, vinha advogando uma "prostituição universal".

Em todo caso, a verdade é que o marxismo sempre franziu a testa diante de extravagâncias eróticas (verifique-se, a propósito, a posição de Lyotard em ECONOMIA LIBIDINAL). O próprio Lenin confessava a Clara Zetkin sua indignação ante a teoria, veiculada por alguns jovens socialistas, do "copo de água" - ou seja, manter uma relação sexual seria algo tão simples como tomar um copo de água.

Essa espécie de hipocrisia reflete o "nível de consciência" das massas, tão pródigas em praticar a homossexualidade quanto veementes em condená-la. Mas deve-se dizer também que muito do odor ascético das revoluções sociais (ver O BALCÃO, de Jean Genet) é de responsabilidade de certa propaganda marxista, populista e católica. Nesse sentido, o marxismo funciona mais como uma ideologia da submissão do que como uma prática da liberdade, na medida que propõe a conquista do eu (o Estado?) mais do que sua desintegração. Em outras palavras, confirma o modelo de personalidade imposto pelo judeo-cristianismo, em função da produção e reprodução, e procura aperfeiçoá-lo.

Essa atitude capenga transforma-se definitivamente em gesto terapêutico à medida que se aproxima de nossos turbulentos dias, quando surge um grupusculizado liberacionismo homossexual que, apesar de enredar-se ainda nos viciados códigos esquerdistas, não esperou permissão das esquerdas para colocar-se em movimento. Então, abrem-se as portas da redenção: o homossexual deve ser convidado a redimir-se e lavar suas culpas pequeno-burguesas, para aderir ao partido e assim salvar o mundo. Nesse mito do proletariado, há uma religiosidade latente que certo ateísmo de fórmulas vazias só dificilmente consegue dissimular - daí porque é incapaz de criticar o suposto "progressismo" de certas alas da Igreja.

Dentro dessas seitas proféticas, o iniciado poderá não só participar de frágeis planos partidários mas também solicitar compaixão pelas "pobres bichas", chegando a elaborar um modelo de "bicha do futuro" - e essa, naturalmente, não poderá ser pintosa, para não ferir a susceptibilidade de um proletariado imaginário.

Em certos setores partidários, aceita-se até mesmo que a esquerda seja a "manifestação mais acabada" do machismo - e o machismo é o fascismo dentro de casa. Mas, mesmo denunciando a repressão sexual em Cuba, oculta-se estrategicamente a existência de campos de concentração onde os homossexuais são internados para reeducação. Ou será que, de um ponto de vista homossexual, a adesão atual aos futuros "ditadores proletários" deva ser interpretada como uma tentativa antecipada de salvar-se desse campos, no melhor estilo Raul Castro?

Nem por ser de qualidade inferior, esta máquina teológica dos trotskistas homossexuais é menos nociva - e, por referências extratextuais, sabemos que destrói tudo quanto toca. Para refutá-la, basta aludir à fragilidade de certos pressupostos básicos: toda a construção gira em torno da idéia de que os homossexuais devem, enquanto "setor oprimido", engrossar a mesma luta junto a outros "setores". Ora, essa idéia esquece que, latente ou manifesto, o desejo homossexual perpassa todas as camadas da sociedade. Enfiá-lo no gueto de uma "fração" é não só uma maneira de armazená-lo e tranquilizar os "heterossexuais". Significa, sobretudo, a reprodução dos moldes que se estaria combatendo.

Muita gente ainda acha que bicha tem vocação para limpezas domésticas e que, portanto, deverá forçosamente adorar os sudorentos sovacos proletários - coisa que freqüentemente acontece, com muito gosto. Então, nada seria mais "revolucionário" do que seguir as orientações desses pregadores pequeno-burgueses que se dizem representantes dos operários. A verdade, no entanto, é que as bichas, mesmo as mais "inconscientes", não têm necessidade deles. Felizmente sabem estabelecer gostosos e íntimos contactos com os rapazes proletários, prescindindo perfeitamente de mediadores.

Em resumo, este livrinho vale não apenas pela acumulação de dados históricos, coisa que o torna útil enquanto material de consulta. Ele funciona também como um excelente espelho do funcionamento de uma típica instituição masculina, o partido político, frente à "revelação" do universo homossexual - mesmo que, dentro dos partidos, ninguém seja exatamente inocente a respeito da homossexualidade. Basicamente, esse livro constitui também uma séria tentativa de recuperar o caráter de "resistência espontânea" que a bichice tem, em certas circunstâncias, mediante sua corte de marginais e bonecas destronadas. Se, com Foulcault, aceitamos a tese da ubiquidade do poder, não é difícil diagnosticar nessas bichas políticas certa tendência em se elegerem a si mesmos como centros de normalização e terapia "social", em nome de um nebuloso poder futuro.

Sim, até Trotsky roda a baiana, em nome do objetivo "socialista" do seu programa. Mas nem por isso suas manipulações deixam de ser grosseiras nem seu discurso se torna menos elitista. Na prática, o que esses adeptos-dissidentes da mitologia leninista conseguiram foi semear muita amargura e desencanto. Com sua tendência em classificar o gozo dentro de categorias "sócio-econômicas", a verdade é que eles acabaram provocando lamentáveis desencontros no já sofrido movimento de liberação homossexual.

(tradução de João Silvério Trevisan)

"URSS E EUA MIRAM AS OGIVAS NOS PACIFISTAS"

"LECO"

O belicismo sempre foi uma preocupação da sociedade moderna como um todo, notadamente na Europa, palco de duas guerras mundiais, e que ainda tem vivo em sua memória o massacre de duas gerações. Depois da segunda guerra, as vedetes militaristas passaram à ser os EUA e a URSS, cada estado defendendo seus interesses à sua moda. Vietnã, Coreia, Afeganistão, Tchecoslováquia, Hungria, República Dominicana, eram fatos que estavam tornando o massacre de vidas parte do cotidiano das pessoas.

A proliferação de armas Nucleares, em quantidades absurdas trouxe de volta o cagaço de Hiroshima e Nagasaki, desta vez tendo como palco a Europa dividida em dois quintais, um da OTAN outro do Pacto de Varsóvia, e com este quadro começou um movimento pacifista, (que nunca deixou de existir apenas se tornou mais dinâmico e mais ativo) que finalmente explodiu de vez em quando o Idiota do Ronald Reagan declarou que achava que dava para fazer uma guerrinha nuclear só na Europa. Aí o pessoal ficou puto, saiu prá rua pedindo as cabeças dos responsáveis, dos estadistas que negociavam as instalações de bases em seus territórios.

O estopim foi aceso na Holanda e se espalhou pela França, Itália, Espanha, Alemanha etc...

Este movimento levou milhões para as ruas, e continua levando e isto durante a negociação de Euromisseis, entre Brejnev e Ronald Reagan, uma verdadeira palhaçada, ficam eles lá discutindo a redução de armas estratégicas como se isto resolvesse algo, estamos falando de 500, 600 foguetes, portanto de que adianta retirar cem, duzentos até 300 se só uma meia dúzia basta prá acabar com a França ou Alemanha, realmente, um jogo de "porrinha" seria mais franco e menos hipócrita.

Mas como "pimenta no dos outros não arde" não se espera muita coisa desta negociata. Neste sentido o movimento pacifista percebeu que não dá prá ficar só pedindo clemência pros EUA ou Russia, e começou a pedir mais, tornou-se um movimento eminentemente político. Segundo o Interchurch Peace Council, já não se trata de se livrar das armas nucleares e sim dos que as detém, adquirindo assim uma postura claramente política e libertária.

Segundo eles deixa de existir o pacifismo holandes ou alemão, e passava a haver o pacifismo Europeu, que pretende se estender até o terceiro mundo, com propaganda contra a proliferação de armas atômicas. Aliás em tempo, pois a Argentina já tá com sua bomba na boca do forno e no Brasil na falta do que fazer, os militares vem com este papo de Usina Nuclear, que só serve prá adquirir tecnologia prá Bomba tupiniquim.

A conotação política do movimento pacifista não para aí, começam à se integrar com todos os "movimentos de libertação" do leste ou oeste, tocando até na ferida polonesa, que tá deixando a burocracia Stalinista com o cabelo em pé.

Pretendem juntar numa mesma frente com caráter libertário, a febre Polonesa, com a febre Holandeza ou qualquer outra febre que se habilite.

O projeto, para daqui uns tres anos é lutar:

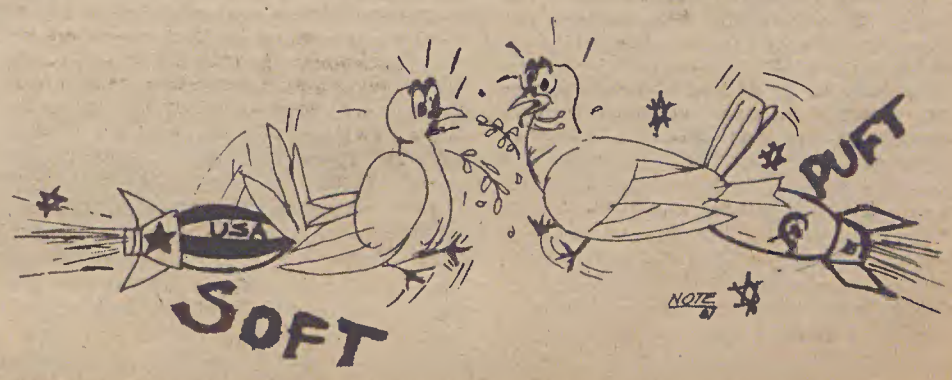
— contra novos sistemas de foguetes americanos na Europa Ocidental;

— Exigir da URSS, acabar unilateralmente com parte dos seus SS 20.

— Que o acordo de limitação de armas nucleares saia à contento.

— As partes em conflito na Polônia (estado-sindicato) devem entrar em acordo de forma pacífica, e por último a criação de zonas livres de armamentos nucleares na Europa.

Enfim esta briga é de todo mundo, não tem lugar prá ninguém em cima domuro. Em Portugal, última manifestação, não contou com adesão de nenhum partido, politiqueiro, portanto não dá nem pros Estalinistas chamarem esse povo todo de agentes da "CIA" pois a crítica aos EUA é clara, nem pró "tio Sam" dizer que estão à serviço do "ouro de Moscou", pois sobrou até pro "Tio Brejnev". Tem é que se assumir que é eminente pacifista, contra os interesses de Estado, libertária.



CONTRA O EXTERMÍNIO DOS JEGUES E CAVALOS!
PELO EXTERMÍNIO DOS BURROCRÁTAS.

O INIMIGO DO REI REPUDIA A CONDENAÇÃO DOS SINDICALISTAS DO ABC.

Como assassinaram a Revolução Russa

O presente texto foi escrito por Peter Archinov, um operário metalúrgico. Pasticipante direto da Revolução Russa. Deixou escrito um livro notável: "A História do Movimento Machinovista". Em abril de 1921, em Moscou, fez essas considerações sobre a pretendida vanguarda intelectual, que implantou a ditadura bolchevista sobre o proletariado russo.

Não existe na história do mundo uma única revolução que tenha sido levada a cabo pelo povo trabalhador no seu próprio interesse, isto é, pelos operários das cidades e os camponeses pobres que não exploram o trabalho dos outros. Embora a força principal de todas as importantes revoluções resida nos operários e nos camponeses, fazendo grandes e inúmeros sacrifícios para triunfarem, os guias, os organizadores dos meios, os ideólogos dos objetivos, foram invariavelmente não operários e camponeses, mas sim elementos à parte: elementos que lhes eram estranhos, geralmente intermediários, hesitando entre a classe dominante da época a terminar e o proletariado das cidades e dos campos.

É sempre a desagregação do regime em derrocada, do velho sistema de Estado, acentuado pelo impulso das massas escravas para a liberdade e que desenvolve e aumenta esses elementos. É pelas suas qualidades particulares de classe e a sua pretensão ao poder no ESTADO, que eles tomam uma posição revolucionária em face do regime político agonizante e se tornam facilmente os guias dos oprimidos, os condutores dos movimentos populares. Mas, ao mesmo tempo que organizam a revolução e a dirigem sob a égide do pretexto dos interesses vitais dos trabalhadores, tratam sempre dos interesses estreitos de grupos ou castas. Aspiram a aproveitar a revolução para assegurar sua preponderância no país.

O EXEMPLO DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Sucedeu assim na revolução inglesa; na Grande Revolução Francesa; nas revoluções francesa e alemã de 1848; enfim, em todas as revoluções em que o proletariado das cidades e dos campos derramou o seu sangue na luta pela liberdade. Foram sempre os dirigentes, os políticos de todas as cores que dispuseram e aproveitaram os frutos dos esforços e sacrifícios dos trabalhadores, explorando à sombra do povo, os problemas e os objetivos da revolução em proveito dos interesses dos seus grupos.

Na Grande Revolução Francesa os trabalhadores empregaram esforços sobre-humanos para seu triunfo. Mas os homens políticos dessa revolução eram porventura os filhos do proletariado e lutavam pelas suas aspirações: Liberdade, Igualdade e Fraternidade? Não. Danton, Robespierre, Camillo Desmoulins e muitos outros "padres" da revolução foram essencialmente representantes da burguesia liberal da época. Lutavam tendo em vista uma estrutura determinada — burguesa — de sociedade. Não tendo de fato nada de comum com as ideias de liberdade e igualdade das massas populares da França do século XVIII. Eram e são contudo, considerados como os guias de toda a Grande Revolução.

Em 1848, a classe operária francesa — que tinha dado à revolução o sacrifício de três meses de esforços heróicos, de misérias, de privações, de fome — obtem, porventura, essa "República Social" que lhe havia sido prometida pelos dirigentes da revolução? O que a classe operária só deles colheu foi a escravidão, o extermínio em massa: o fuzilamento de 50.000 operários em Paris, quando tentaram insurgir-se contra os que os tinham traído.

Em todas as revoluções passadas os operários e os camponeses não conseguiram senão **esboçar sumariamente** as suas aspirações fundamentais, firmar apenas a sua corrente, geralmente desnaturada e por fim liquidada por dirigentes da revolução mais velhacos, mais astuciosos, mais astutos e mais instrídos. O máximo das suas conquistas limita-se a um osso bem magro: um direito insignificante de reunião, de associação, de imprensa, ou o direito de se darem governantes. Mas mesmo esse "osso ilusório" não lhes era confiado senão o tempo necessário ao novo regime para se consolidar. Depois disto, a vida das massas retomava o seu antigo curso de submissão, de exploração e de embuste.

Só nos movimentos profundos **de baixo**, como a revolta de Razin e as insurreições camponesas e operárias destes últimos anos, é que o povo é, e permanece mais ou menos tempo, senhor do movimento e lhe comunica a sua essência e a sua forma. Mas estes movimentos, habitualmente acolhidos com censuras e maldições da parte de toda a "humanidade pensante", nunca chegaram a triunfar. Além disso distinguem-se muito das revoluções dirigidas por grupos ou partidos políticos.

OS INTELECTUAIS E A CONQUISTA DO PODER

A nossa Revolução Russa é sem dúvida e até o presente uma revolução política que realiza pelas forças populares interesses estranhos ao povo. O fato fundamental e saliente desta última revolução é — à custa dos sacrifícios, dos sofrimentos e dos maiores esforços revolucionários dos operários e camponeses — a conquista do poder político por um grupo intermédio: a **camada intelectual** socialista revolucionária, na realidade democrata-socialista.

Tem-se escrito muito sobre a **intelectualidade** russa. Ordinariamente elogiam-na denominando-a "condutora de ideais humanos superiores", pioneira da verdade. Foi também, algumas vezes — mas muito raras —, censurada e injuriada. Tudo o que se disse e se escreveu sobre ela, quer bem quer mal, tem um defeito muito grande: era ela própria que se definia, que se censurava, que se elogiava. Para o espírito independentes dos operários e dos camponeses, este método não é nada persuasivo e não pode ter nenhuma influência nas suas relações. Nestas relações o povo só observa fatos. Ora, o fato **real**, incontestável na vida da **intelectualidade** socialista é que ela gozava sempre de uma situação social privilegiada.

Vivendo nos privilégios o intelectual torna-se privilegiado não apenas socialmente, mas também psicologicamente. Todas as suas aspirações espirituais, tudo o que se entende por ser "ideal social", encerra infalivelmente o espírito do privilégio de casta. Esse espírito manifesta-se em todo o desenvolvimento da **camada intelectual**. Se tomamos a época dos "decembristas" (1) como o início do movimento revolucionário da intelectualidade, passando consecutivamente por todas as fases do movimento: o Narodnitschestvo (2), o Marxismo, o socialismo em todas as suas ramificações encontramos sempre este espírito de privilégio de casta claramente expresso.

Seja qual for, na aparência, a elevação de um ideal social, se ele contem privilégios para os quais o povo deverá contribuir sacrificando-lhes o seu trabalho e os seus direitos, deixa de ser uma verdade completa. Ora, um ideal social que não oferece ao povo a verdade completa, é para ele uma mentira. É precisamente uma tal mentira que é para ele a ideologia da **intelectualidade** socialista e da própria **intelectualidade**. Tudo deriva deste fato nas relações entre o povo e ela. O povo não esquecerá e não perdoará nunca que, especulando sobre suas condições miseráveis de trabalho e da sua falta de direitos, uma certa casta social crie privilégios e se esforce por os fazer passar para a sociedade nova.

O povo é uma coisa, a democracia e a sua ideologia socialista é outra. Ela vem ao povo prudente, falsa, astuciosamente.

Não se pode negar naturezas heróicas isoladas, como Sofia Perovscaia, que se colocam acima detas vis questões de privilégios próprios do socialismo. Este fenomeno não provém de uma doutrina de classe ou de democracia: é de ordem psicológica ou ética.

OS INTELECTUAIS E O SOCIALISMO ESTATAL BOLCHEVISTA

As vagas aspirações políticas da **camada intelectual** russa em 1825 erigiram-se, um século mais tarde, em um sistema socialista estatal acabado e a própria intelectualidade em um agrupamento social e econômico preciso: a democracia socialista. As relações entre ela e o povo fixaram-se definitivamente: o povo caminhando para a autogestão civil e econômica; a democracia procurando exercer o poder sobre o povo. A ligação entre ambos não pode manter-se senão por meio de stratagemas, de trapaças e de violências (...) A própria idéia estatista, a idéia de uma direção das massas pela coação foi sempre a mais adequada a indivíduos em que o sentimento da igualdade não existe, e emque o instinto de egoismo domina. Indivíduos para os quais a massa humana é matéria bruta privada de vontade, de iniciativa e de consciência, incapaz de se dirigir a si mesma.

Esta idéia foi sempre a característica dos agrupamentos privilegiados, à parte do povo trabalhador: as gerações patrícias, a casta militar, nobreza, clero, burguesia industrial e comercial, etc. Não foi por acaso que o socialismo moderno se mostrou zeloso servidor da mesma idéia. O Socialismo é a ideologia de uma nova casta de dominantes. Se observarmos atentamente os apóstolos do socialismo estatal, veremos que cada um deles está cheio de aspirações centralistas, que se considera um centro dirigente e de mando em volta do qual as massas gravitam. Esse traço psicológico do socialismo estatal e dos seus marechais é a continuação direta da psicolo-gia dos antigos agrupamentos dominadores, extintos ou prestes a desaparecer.

O segundo fato importante da nossa revolução é a permanencia dos operários e da classe média laboriosa na sua situação anterior de "classe trabalhadora" — produtores dirigidos pelo poder de cima. Toda a construção atual, que se diz socialista, praticada na Rússia, todo o aparelho estatista da direção do país (...) nada mais é do que a edificação de u m novo domínio de classe sobre os produtores, o estabelecimento de um novo poder, socialista, sobre eles. (...)

Alguns agrupamentos (3) consideravam prematuro e arriscado introduzir atualmente o comunismo na Rússia. Conservavam a esperança de conseguir o domínio pela via legislativa e parlamentar, isto é, pela conquista da maioria das cadeiras do Parlamento.

A INSURREIÇÃO DE (MACKHNÓ) E O MOVIMENTO DE OUTUBRO

Semelhante às grandes revoluções precedentes, em que lutavam os operários e os camponeses, a nossa revolução porém também em relevo uma quantidade de aspirações independentes e naturais dos trabalhadores na sua luta pela liberdade e a igualdade. A nossa revolução teve também correntes populares originais.

Uma dessas correntes, a mais poderosa, a mais notável e a mackhnovstchina (4). Durante três anos, ela tentou heroicamente abrir na revolução um caminho no qual os trabalhadores da Rússia poderiam atingir a realização das suas aspirações seculares: Liberdade e Independência. Apesar das tentativas mais encarniçadas, mais selvagem do poder comunista para abafar essa corrente, para desnaturar, para sujar e comporcalhar para aviltar, ela continou a viver, a desenvolver-se e a aumentar, combatendo em várias frentes da guerra civil, vibrando por vezes golpes formidáveis aos sue sinimigos; despertando, mantendo e ampliando nos operários camponeses da grande Rússia, da Sibéria e do Caucaso, a esperança na Revolução.

(...) O êxito rápido e constante da mackhnovstchina foi devido ao fato (...) de brotarem das fileiras operárias personalidades que souberam descobrir e formular os problemas fundamentais e essenciais do movimento revolucionário das massas.

(...) As idéias fundamentais do movimento de outubro de 1917 eram: "As oficinas aos operários! A terra aos camponeses!" Todo o programa social e revolucionário das massas se encontravam nessas palavras, breves mas profundas pela sua significação: aniquilamento do capitalismo, supressão do salário, da escravidão estatal, e organização de uma vida nova baseada na autogestão.

(...) O levante de Outubro, da mesma forma que a agitação de Fevereiro/Março de 1917, é apenas uma fase na marcha geral da revolução russa. O partido comunista aproveitou-se das forças revolucionárias do movimento de outubro para seus próprios objetivos, e este ato não representa toda a nossa revolução. O processo geral da revolução compreende várias outras correntes que não se detém em Outubro, mas que vão mais longe, para a realização problemas históricos dos operários e camponeses: a comunidade operária, igualitária e não estatista. O Outubro atual, que se arrasta já há tempo e que já enfraqueceu, deverá indubitavelmente ceder lugar a uma fase ulterior, popular, da revolução. Caso contrário, a revolução russa, como todas as precedentes, não terá sido senão uma mudança de poder.

Peter Archinoff, Moscou, abril de 1921

NOTAS

(1) Participantes do primeiro levante revolucionário russo que se verificou principalmente em S. Petersburgo em dezembro de 1825.

(2) Movimento de 1870. Numerosos estudantes, rapazes e moças das classes elevadas foram até as massas populares para as instruir e propagarem entre clas as idéias socialistas. Foi esmagado por inumeras perseguições. Dele revultou o **Narodvoltschestvo**, tendência que levou a formação do partido "Narodnaia a Volia" (Vontade do Povo) tendo por objetivo a supressão do czar para transformar o regime e tornar possível a propaganda. Adeptos desse partido conseguiram assassinar o czar Alexandre II em 1881.

(3) Mencheviques, Socialistas-Revolucionários, etc.

(4) Importante movimento insurricional desencadeado pelos operários e camponeses da Ucrânia — onde se destacava o jovem Nestor Mackhno —, instituindo o anarquismo integral, em sua fase revolucionária, naquela região. O movimento teve a duração de tres anos e é o exemplo prático do que pode fazer o povo quando não aceita partidos e vanguardas intelectuais esclarecidas. É óbvio que a historiografia soviética "desconhece" o movimento.

O QUE HÁ PARA LER:

Sobre os fatos de outubro de 1917 e sobre a revolução russa, há um farto material na praça, recomendamos as seguintes obras:

OS BOLCHEVIQUES E O CONTRÔLE OPERÁRIO — Maurice Brinton - Afrontamento (Port).

O CAMPONÊS RUSSO DURANTE E APÓS A REVOLUÇÃO — Ida Mett-Ed. A regra do Jogo (Portugal)

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES — Manuel Rodrigues — Ed. Afrontamento (Portugal)

REVISTA AUTOGESTÃO n.º 2 — (vários textos)

DEUS VERMELHO — Edgar Rodrigues — Ed. Mundo Livre

LENIN — Daniel Guerin — Ed. Mundo Livre

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA — clássico de **Volin**, publicado este ano pela Global editora (vide resenha in I. Rei nº 14).

A OPOSIÇÃO OPERÁRIA — A. Kolontay — Global editora

LOS ANARQUISTAS Y LOS SOVIETS — coletânea de textos de Rudolf Rocker, Piotr Archinov, Efim Yartchuk e Nestor Maknó — Cuadernos Anagrama

A SOCIEDADE BUROCRÁTICA: (2 vol.) — Conelius Castoriades — Ed. AFrontamento (Port.)

LOS ANARQUISTAS Y A REVOLUCION RUSSA — Paul Avrich — Edicion Acrácia

CRONSTAD, O ÚLTIMO SOVIET LIVRE - Ida Mett — Afrontamento (Port.)

ELEMENTOS PARA UMA CRÍTICA DA BUROCRACIA — Claude Lefort — Ed. Afrontamento. Os livros indicados podem ser solicitados pela Caixa Postal 11277 — cep. 01000 — São Paulo - Capital.

SEGUNDO CONGRESSO PAN-RUSSO DE SINDICATOS (1919)

Em 1918, os sindicatos desempenharam um importante papel na administração industrial. A sua importância aumentou bastante quando o governo, com medo que os donos das empresas particulares não trabalhassem para as necessidades do Exército Vermelho, acelerou o programa de nacionalização, "mais como uma assunto militar do que como uma política econômica". Aumentaram rapidamente aquilo que Lenine chamava "as funções de Estado" dos sindicatos. Os membros do Partido na chefia dos sindicatos (tais como Tomsky, Presidente do Conselho Central Pan-Russo dos Sindicatos) gozavam de considerável poder.

Contudo, as relações entre os dirigentes dos sindicatos e a base estavam muito longe de ser democráticas. "Na prática, quanto mais os sindicatos assumiam as funções administrativas da burocracia empresarial convencional mais burocráticos se tornavam". Um delegado ao Congresso, Chirkin, sublinhou, por exemplo, que "embora na maioria das regiões houvesse instituições representativas do movimento sindical, estas instituições não eram nem eleitas nem ratificadas; onde se realizaram eleições e onde foram eleitos indivíduos que não eram os apropriados, para satisfazer as necessidades do Conselho Central ou dos poderes locais, aquelas foram pura e simplesmente anuladas e os indivíduos eleitos substituídos por outros mais dóceis para com a administração". Outro delegado, Perkin, pronunciou-se contra os novos regulamentos que obrigavam os representantes enviados pelas organizações operárias ao Comissariado do Trabalho a serem ratificados pelo Comissariado. "Se numa reunião sindical nós elegemos um comissário, isto é, se à classe operária num dado momento é permitido manifestar a sua vontade, poderíamos pensar que este indivíduo seria autorizado a representar os nossos interesses no Comissariado, que seria o nosso comissário. Mas não. Apesar de termos expreso a nossa vontade, a vontade da classe operária, é ainda necessário que o comissário que nós elegemos seja confirmado pelas autoridades... O proletariado é autorizado apenas a deixar-se ridicularizar. É-lhe permitido eleger representantes, mas o poder de Estado, com o seu direito de ratificar ou não as eleições, age como entende com os nossos representantes".

Os sindicatos (e na realidade todos os outros organismos) estavam progressivamente a cair sob a alçada do Estado, já inteiramente nas mãos do Partido e dos elementos por ele nomeados. Mas, ainda que já tivesse havido uma clara mudança do poder para as mãos da burocracia emergente, a organização da classe operária e a sua consciência eram ainda suficientemente fortes para conseguir do Partido e dos chefes sindicais algumas concessões, pelo menos verbais. Os Comités de Fábrica autónomos já tinham sido nessa altura completamente esmagados, mas os operários ainda lutavam com ações defensivas nos próprios sindicatos. Procuravam preservar parte do seu antigo poder.

O Segundo Congresso dos Sindicatos "sancionou as disposições segundo as quais os sindicatos se tornavam agentes recrutados do exército, dos serviços logísticos, órgãos punitivos, etc." Tomsky, por exemplo, acentuou "que no momento em que os sidicatos fixassem os salários e as condições de trabalho, as greves deixariam de ser toleradas. Era necessário pôr os pontos nos ii". Lenin falou da "inevitável estatização dos sindicatos". (A pílula foi embrulhada num discurso acerca da educação dos operários pelos sindicatos na arte da administração, e do eventual "deperecimento do Estado"). Lozovsky, que tinha abandonado o Partido, falou como internacionalista independente contra a política bolchevique relativamente aos sindicatos.

Foi aprovada uma resolução pedindo que "fossem oficialmente reconhecidas as prerrogativas administrativas dos sindicatos". Essa resolução aludia à "estatização" (ogosudarstylenie) dos sindicatos "como uma função sua alargada e que se fundia com a máquina governamental da administração e controle industrial". O Comissário do Trabalho, V.V. Shmidt, aceitava que "os próprios órgãos do Comissariado do Trabalho deviam ser constituídos a partir do aparelho sindical". (Nessa altura havia nos sindicatos 3.500.000 membros. Eram 2.500.000 na altura do Primeiro Congresso dos Sindicatos, em Janeiro de 1918, e 1.500.000 na Conferência de Julho de 1917).

O Segundo Congresso elegeu finalmente um Executivo com autoridade suprema no período entre os Congressos. Os decretos deste Executivo foram declarados "obrigatórios para todos os sindicatos da sua jurisdição e para cada membro desses sindicatos". "A violação dos decretos e a insubordinação contra eles por parte dos sindicatos individuais levaria à sua expulsão da família dos sindicatos proletários". Claro que isto poria o sindicato fora do único campo de ação legal dentro do qual o regime bolchevique permitia a existência dos sindicatos.

Maurice Brinton

1 ● torot vserossiiski s'yezl professionalnykh soyuzov: stenograficheski otchet (Segundo Congresso Pan-Russo dos Sindicatos: relato estenográfico), Moscou, Central Trade Union Press (Editora Central dos Sindicatos), 1919, 1. p. 34.

2 ● Ibid., p. 103

3 ● Zinoviev. Desyaty s'yezd RKP (b): Protokoly (Décimo Congresso do PCR (b): Protocolo), Moscou IMEL, 1933, p. 188.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DA UNESP CEDEM

PIOR QUE A FUNAI - - - SÓ DUAS FUNAI.

ROBERTO DAS NEVES

Prá sossego dos poderosos, o filho do diabo volta à sua casa ... e com tanto filho da puta pra morrer...

Roberto das Neves faleceu a 28.9.81. Voltou ao aconchego da Terra, após rica, alternativa e turbulenta existência.

Emigrado, trouxe suas armas de luta: a máquina de escrever, talento e invejável disposição para o trabalho.

Fundou a Editôra Germinal base para sua ação sem tréguas contra a opressão, a burrice e o regime totalitário de Salazar. Suas cartas, panfletos, folhetos, livros penetraram em Portugal, colocando em ridículo os ditadores da época. A sátira, ironia, deboche foram manejadas com extrema inteligência e propriedade.

Introduziu a contra-cultura no Brasil. Praticamente só, geria sua Editora, na qual como homem de sete instrumentos era ao mesmo tempo autor, editor, expedidor, administrador, vendedor. Entretanto seus livros varavam o vasto território brasileiro e, muitas vezes, nos espantávamos com os leitores situados ou no sertão da Bahia ou na selva do Acre.

Figura multifacética propagava o esperanto, o vegetarianismo, a massonaria. Divulgou os movimentos comunitários, as cooperativas alimentares, a macrobiótica quando tudo isso era completamente desconhecido entre nós.

Jamais escondeu suas concepções políticas, era anarquista. Seus inúmeros livros publicados como **O Diário do dr. Satã , Assim Cantava Um Cidadão do Mundo, Entre Colunas,** etc., o comprovam.

Satirizou sem dó uma certa concepção do socialismo vigente na Europa a que dominou socialismo "Camisa-de-Força". Em folheto totalmente esgotado que recebeu o título de **Marxi-Bundismo** ironizou as pretensões de algumas cabeças pensantes de fazer previsões infaliveis, científica na História.

Figura contraditória, original, polêmica não raro provocou alterações, descontentamentos, rupturas entre seus amigos e companheiros, que somente o tempo conseguiu esmaecer.

De sua Editora sairam livros preciosos como **Curso de Literatura, Ação Direta** de **José Oiticica, Doze Provas da Inexistência de Deus** de **S. Faure, Nova Ética Sexual** de **E. Armand, A Fome Em Portugal** de **E. Rodrigues, O Novo Israel** de **A. Souchy,** etc.

Colaborou nos jornais libertários Ação Direta, A Plebe. Um dos fundadores do Centro de Estudos Professor José Oiticica e ativista das Oposições Portuguesas no Brasil.

Em 69, quando os tempos eram bicudíssimos e cinza no Brasil, a repressão e tortura o pão nosso de cada dia, foi prêso como todos os integrantes do Centro José Oiticica.

Metido num carro encardido da polícia, tenso e inquieto como todos os que faziam aquela viagem, procurou um mecanismo de defesa para atenuar a angustiante situação.

Virando-se para o companheirode infortunio, Ferrua, sentado a seu lado comentou:

"— **Olhe, no fundo êles são boas pessoas!"**

E assinalando o **"tira"** do Deops que o conduzia, um mulato de roupas amarfanhadas, olhos bovinos, feições grosseiras, mãos calejadas de tanto distribuir pancada, concluiu:

"— **Tem face simiesca, porém é um bom sujeito!"**

O Pitecantropus esboçou um sorriso oligóide, na suposição de que recebera um elogio.

Já na cadeia recusou a refeição composta de carne, arroz e feijão, alegando que não comia cadáveres. Quando supôs queiam lhe atirar com o prato na cara, surpreendentemente lhe trouxeram refeição vegetariana.

Hábil grafologista profissional, analisou a letra dos oficiais que o interrogavam,mostrando-lhes traços negativos do caráter. A um revelou determinado defeito físico, zelosamente oculto, o que provocou a estupefação do militar.

Uma vez liberto do processo, no qual se recusou a constituir advogado, voltou tranquilamente as suas atividades editoriais e as suas idéias.

Nós últimos anos começaram a se acentuar alguns padecimentos físicos que fizeram com que diminuisse sua atividade laboriosa e que acabaram por lhe tirar a vida.

A seu filho Robertinho, seus irmãos e demais parentes toda a solidariedade dos componentes do Inimigo do Rei.

Reportagem de 10 páginas, de autoria de Flamínio Araripe, está publicada na Revista Planeta nº 10 de maio de 1981.

"N.R.: Algumas semanas antes de morrer, Roberto das Neves escreveu para o I.R.

Prezados camaradas

Felicito-vos pela publicação de mais um brilhante número de "O Inimigo do Rei".

Para colaborar convosco, remeto-vos nesta data, o cheque de Cr$ 600,00 do banco Bradesco desta cidade destinado ao pagamento dos 15 exemplares cujo envio vos agradeço.

Aproveito para rogar-vos o favor de agradecerem, em meu nome, ao nosso querido camarada Flamínio Araripe a excelente colaboração que está dando, como jornalista, ao "Inimigo do Rei" e, simultaneamente comunicarem-lhe que recebi, há pouco, a sua carta comunicando-me que deseja vir, dentro de dias, ao Rio de Janeiro, entrevistar-me, desta vez sobre o movimento naturista no Brasil. Cá o espero com ansiedade.

Desejo também que êle me envie, na volta do correio, novo exemplar da "Planêta" do mês de maio, que traz a entrevista comigo realizada por ele, pois necessito desse número para facilitar a nova entrevista, assim como uma conferência sobre o anarquismo, que fui convidado à fazer nesta cidade.

Abraços libertários tanto para o Flamínio como para os camaradas do "Inimigo do Rei".

Vosso camarada o amigo
Roberto das Neves
81.8.4.12

Comunista é a mãe!

Meu Deus, meu Deus ai que tédio, os comunistas continuam — como o querido Gil mui bem definiu anos atrás — os otários de ontem, hoje & amanhã. Tudo iguazim, tá & quá os cururus (como chamavam os militantes do Partido Comunista do Brasil) que me levaram a trocar o sucídio por vir & cachaça dos meus dezoito anos pelo "árduo caminho da revolução brasileira". Não quero privilegiar nesta esculhambação à esquerda, que ora faço nestas lidas páginas, apenas os autênticos cururus made in Pequim. Sobram xingamentos a ex-apistas (da falecida Ação Popular Marxista Leninista), prestistas, partidõezistas, emeerreoittistas e derivações congêneres. Manter com eles um diálogo crítico num nível mais educado como fez o ex-presidente da Une Rui Cézar Costa Silva em entrevistas a mim concedida e publicada na Tribuna da Bahia, no Globo e no Jornal do Brasil e ao Emiliano José, no Movimento da semana passada, não dá, é besteira, pois saem de seus covis e como um criancinha escrota que tem seu brinquedinho tomado abrem à boca, esperneiam, apelam pro emocional, cabotinizam e o diabo a quatro.

Foi assim que reagiu o cururu crônico Duarte Pereira — aconselharia ao ilustre comunista um relax — quem sabe um fim de semana prolongado na Albânia? — que no jornal Movimento desta semana tenta prover por a mais b que o partido do povo brasileiro é o seu. Muita falta de modéstia & de originalidade. Tancredo Neves acha o mesmo em relação ao seu PP. O mesmo diz Ivete Vargas do PTB. E o Figueiredo do PDS. Não dá. Discutir com essa esquerda babaca que taí mantendo um certo nível é besteira pura. O negócio é baixar o nível, espinafrar, meter o pau, xingar a mãe, a sogra, a irmazinha & filiados. A diferença que vejo entra a esquerda e a direita brasileira hoje é a mesma que há entre o cocô do cavalo do bandido e o cocô do cavalo do mocinho. Um revanchista, eu? Mêibi. A esquerda brasileira sobreviveu nos negros tempos do terror apesar de sua mediocridade graças a extrema severidade do regime que não deixava as pessoas inteligentes com a cabeça livre para pensar em outros temas que não a raiva a uma ditadura de endoidecer todos nós. E entre o terror do regime e a empáfia filosófica otária dos partidos de esquerda, ficávamos com os últimos.

Os poucos dissidentes que nesta época já questionavam o sectarismo vigente nas "forças progressistas" eram abençoados com rótulos tipo "polícia", "oposicionista", "dedo-duro", "vacilante", o diabo. E essas pessoas todas amaldiçoadas pelo "stabilishmente" comunista fugiam para outros grupos políticos ou saíam de baixo, iam curtir a sua. Viver à sua maneira o que acreditavam ser uma forma de se ajudar e ajudar os outros. Fui o que fiz em 1975. E fiz bem. Ao ser contemplado com o amaldiçoado jubilante e recriminado por um cururu careta, indigno de citação, que acusou de liberalismo a minha dedicação total ao movimento estudantil preferindo reuniões e encontros subversivos às aulas da faculdade, me retei e mandei tudo à pata que o pirou. Num resumido bilhete dirigido à cúpula política que me orientava conclui: "A continuar como tá teremos um peido, nunca uma revolução".

E fui fazer teatro. E aliviei minha libido há muito tempo reprimida: depois de minha família e da esquerda careta quererem segurar meu homossexualismo podia agora dar minhas trepadinhas. E dei. Os comunistas de meu tempo — pelo que o Duarte Pereira anda pensando, deve estar tudo na mesma — encaravam o homossexualismo tal qual o papai, a mamãe e a vovô: como uma doença. Na guerrilha do Araguaia quando os comunistas locais se pavoneavam todos pra ir para Amazônia tomar chumbo de macaco, excitados todos — eu inclusive — uma mocinha simpática e morena, ex-hippie de Arembepe e meu contato no partido, sempre se despedia de mim com um adeus — podia a qualquer momento ir pro Araguaia — e me tranquilizava afirmando que também eu poderia ir algum dia. Condição sine qua non para minha ida: mascarar a minha homossexualidade. Contava que uma bicha muito bicha atreveu-se a enfrentar a guerrilha e no meio do mato teve uma crise, sentiu falta de um macho e teve que ser enviada às pressas pra cidade e receber o necessário calmante. Ou quando sacava que minha homossexualidade era tão convicta assim ela vinha com uma fabulazinha tirana: a de um homem revolucionário que perdeu o braço num acidente de carro e mesmo assim não abandonou a revolução. Claro, o intrépido rapaz não poderia ter uma participação mais de frente na "luta contra a ditadura", mas continuava sendo uma peça importante no processo. Ele poderia ser um amigo do partido, dar uma grana mensal, guardar documentos, enfim auxiliar. Entre aleijado e homossexual havia uma diferença e tanto, mas quando sacava minha fraqueza em não poder, orgulhosamente, ir lutar no Araguaia me tranquilizava ao lembrar do rapazinho que perdeu o braço e sentir que poderia ser apenas "um amigo do partido".

Na cúpula partidária discutiam meu destino. E concluíram que eu, um homossexual, não poderia ser um militante. Meu destino era mesmo ser "amigo" O medo deles: bicha falava tudo quando a Polícia Federal pegava. O erro deles: o caráter das pessoas não está no rabo. Mas uma companheira de partido não desistiu de me transformar em macho e tivemos uma história de amor que durou meses. Ela, com toda a competância que seu segundo ano de Psicologia permitia, não vacilava. Com os rudimentos de Psicologia Experimental e seus ratinhos brancos tentou me transformar em um. Ao fim do dia, ou da semana, perguntava se tinha transado com um homem. Se tivesse era repreendido. Se não, era abençoado com o mais suave dos sorrisos e o mais terno dos beijos. De vez em quando ruminava umas estranhas teorias de Skinner pra mim. Mas desistiu. Acabamos o namoro. A comunista alegou que não aguentava mais a relação comigo, estava cansada de tentar me curar. Acreditei nela. Só no ano passado soube o verdadeiro motivo do fim da história comigo: ela tinha se apaixonado perdidamente por uma "companheira" de movimento estudantil e me abandonou pra fazer um caso com a outra. Aí compreendi: violência revolucionária era isso.

Não era o único homossexual da esquerda de então. Um outro peguei fazendo pegação no banheiro do Capri e sem saber o que dizer ao ser flagrado com a "mão na massa" sussurrou um rápido ôi e partiu. E muitas outras enrustidas que "compreendiam" o meu "problema", estão todas aí com seus respectivos casos. Graças a Deus. Maconha, meu Deus, nem morta. Papos e papos já perdi com pessoas e pessoas tentando provar que maconheiro também merecia crédito. Tal e qual uma tia que dizia: A Canabis Sativa faz a mulher ficar descarada e aí o homem se aproveita" a esquerda via no hábito de puxar fumo uma degeneresência pequeno-burguesa. O mesmo diziam sobre o homossexualismo. Burrice. Ignorância. A maconha era na verdade consumida também pelo povão. Hoje, com a inflação chegando até essa área ricos e pobres estão irmanados na mesma dificuldade de encontrar maconha boa e não cara. E esse negócio de homossexualismo ser coisa pequeno-burguesa furou. 'Falavam mal da burrice das misses, mas a esquerda não ficava atrás. Uma vez fui citar num jornalzinho do DCE o nome de Jean Luc Godard. Uma companheira protestou pois afirmou que não deveria haver a citação pois ninguém sabia quem era o cara e isso ia fazer com que o jornal ficasse elitista. Ganhei a briga e Godard foi citado, sob protestos. Dez anos depois o mundo deu mil voltas, o Capri pegou fogo, Leila Diniz e minha mãe morreram, Torquato se matou, Miterrand virou presidente da França e os comunistas estão aí como dantes: enrustidos, preconceituosos, obtusos, patrulhadores, cabotinos e — já que quero baixar o nível mesmo — um bando de frustrados sexuais. Não é á-toa que nenhum escritor dramaturgo de esquerda consegue chegar aos pés de um Nelson Rodrigues. Duarte Pereira e João Amazonas — que se houvesse eleição direta não seria, com certeza, eleito presidente do Brasil — que me perdoem, mas um ato sexual de vez em quando ou — ainda melhor — diariamente é muito bom pra cabeça. Portanto, é bom vocês se cuidarem. Quero ver vocês um dia desses no baixo meretrício ou então dando uma caçadinha no cine Bristol daqui ou o Lido de São Paulo. Relaxem, meninos. O povo brasileiro jamais irá saber. E se souber vai adorar.

Por Rogério Menezes

Publicado no jornal "Tribuna da Bahia" (3/7/81)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Ⓐ O INIMIGO DO REI, COMO JOHN LENNON, SONHA E LUTA POR UM MUNDO NOVO - A NUTOPIA.

O que é Autonomia

Claudio Miranda

São cada vez mais numerosos os grupos políticos, movimentos e publicações que se referem às idéias e práticas de autonomia, seja para defendê-las, seja para atacá-las. Isto é sintoma de que a autonomia, apesar de ainda ter uma existência marginal, já é uma realidade social e, portanto, merece ser melhor compreendida.

O conceito de autonomia é relativamente recente. Na década de 50 a revista "Socialismo ou Barbárie" já se referiria a necessidade de autonomia do movimento proletário. Mas é principalmente a partir de maio de 68 francês, do mov., operário italiano de 68/69, da crise dos modelos revolucionários europeus e terceromundistas e da constituição de correntes políticas autonomistas, é que a idéia de autonomia vai progressivamente se difundindo e se enraizando tanto nas metrópoles imperialistas, quanto nos países capitalistas periféricos e, até mesmo, nos países ditos "socialistas".

A palavra autonomia pode ser recente, mas sua idéia e principalmente sua prática são tão antigas quanto a própria luta do proletariado contra o capital. Basicamente, autonomia quer dizer auto-organização e auto-atividade do proletariado enquanto classe social. Em outras palavras, autonomia é o conjunto de práticas sociais pelo qual o proletariado se auto-constitui em sujeito revolucionário. Além disso, as idéias e práticas de autonomia, da mesma forma que o próprio movimento comunista, não são uma criação moderna e européia, e muito menos uma invenção de um pensador genial. A autonomia e movimento comunista são uma criação social e institucional da classe proletária.

Nos períodos revolucionários, o proletariado em sua luta contra o capital cria novas instituições sociais que lhes permite o controle direto de sua luta, várias vezes, da própria produção. Estas instituições receberam historicamente várias denominações: conselhos operários, comissões de fábrica, comunas, coletividades, etc. Elas estão presentes em todos os movimentos revolucionários ou de resistência que apontavam numa perspectiva autônoma e comunista: a Comuna de Paris; as revoluções russas de 1905 e 17; as insurreições alemãs de 18 e 23; os sovietes turineses; a revolução húngara de 56; as Comunas de Shangai e Pequim em 66; etc. Mas as lutas autônomas não são privilégio do proletariado do Velho Continente. Só no Brasil temos muitos exemplos de movimentos com características autônomas: as lutas operárias do começo do século, a greve dos 300 mil em 53, as ligas camponeses, as greves de Osasco e Contagem e as recentes greves do ABC.

Em todas essas experiências o proletariado rompeu — começou a romper — com o princípio da delegação de poderes à um corpo de políticos profissionais que fariam a revolução em seu nome, para se auto-organizar nos locais de trabalho (e moradia), mantendo todo o poder em assembléias que elegem representantes passíveis de serem revogados a qualquer momento.

Ainda que a perspectiva de autonomia frente ao Estado e outras instituições de representação e dominação seja fruto da prática do proletariado, ela não interessa somente à este. Interessa à todos os grupos e movimentos sociais que sofrem alguma foram de opressão. As mulheres, as minorias raciais e sexuais e outros grupos específicos conseguem enfrentar as estruturas de dominação à que estão submetidos, de uma maneira muito mais efetiva realizam sua luta de forma autônoma, ou seja, controlada pelos próprios interessados. Podemos dizer que, principalmente a partir da década de 60, a autonomia deixou de ser uma preocupação exclusiva do proletariado e passou à interessar à uma multuplicidade de outros setores sociais. A própria revolução comunista deixa de ser pensada como algo que interessa unicamente ao proletariado (e alguns setores camponeses e pequeno-burgueses). A divulgação da perspectiva autonomista permite que o projeto comunista possa ser assumido, não só pelo proletariado e aliados mais próximos, mas também por diversos grupos sociais oprimidos que, ao assumirem a perspectiva autônoma, se tornam sujeitos de sua própria libertação.

Mas, a autonomia desses movimentos não são garantia suficiente para que estes desenvolvam uma dinâmica e uma perspectiva anti-capitalista. Só o proletariado, pelo lugar decisivo de produtor de mais-valor, tem condições e interesse de lutar pela única reivindicação que o capitalismo não pode assimilar: o fim da exploração. Isto não quer dizer que a luta das mulheres contra a estrutura patriarcal, dos negros contra o racismo, dos homossexuais contra os padrões falocráticos, etc., sejam lutas secundárias e/ou auxiliares de uma luta principal do proletariado. Ao contrário, o projeto comunista, em si mesmo, pressupõe o questionamento de todas as discriminações, dominações e hierarquias, pelo simples fato destas serem incompatíveis com as novas relações sociais igualitárias e fraternas da sociedade comunista.

A autonomia do proletariado implica, entre outras coisas, na superação da tradicional divisão do econômico e do político, que se manifesta na dicotomia Estado/Partido e Sindicato/Fábrica. Toda subordinação do político ao econômico, do econômico ao político ou separação de ambos os domínios, não faz senão reproduzir a divisão social do trabalho, imposta pelo capitalismo. Se o movimento operário e seus aliados praticam essa divisão em seu interior, perpetuam o capitalismo dentro do próprio movimento, criando uma classe de representantes, no qual delegam seu poder para exercê-lo em seu nome. Isto nos permite compreender porque a autonomia do proletariado se manifesta sempre sob a forma dos conselhos. Estes, por serem ao mesmo tempo um órgão de poder e de gestão, são a única instituição que une o econômico e o político num mesmo organismo.

Ao questionar a divisão do econômico e do político, a perspectiva autonomista vai necessariamente exigir a reformulação total da relação vanguarda/massa. A visão tradicional, leninista, afirma que o proletariado só atinge à uma consciência socialista por intermédio do Partido. E esse Partido, organizado de forma hierarquizada, centralizada e tendo como valor supremo o critério da eficácia, é apresentado como a forma superior de organização do proletariado.

Para a visão autonomista, o proletariado pode não ter, de imediato, uma consciência teórica precisa de sua situação e interesses de classe. Mas é ele que, nos períodos revolucionários, cria as novas instituições sociais que prefiguram a sociedade comunista. E, é exatamente esta auto-organização dos trabalhadores nos locais de trabalho e moradia que é a forma superior de organização da classe. A organização de militantes só se torna um instrumento útil para os trabalhadores, na medida em que, em vez de pretender substituir a classe, a auxilia em seu processo de auto-organização.

Por fim, a perspectiva autonomista e comunista, implica no questionamento de todas as dominações, discriminações e hierarquias. A revolução comunista é também uma revolução libertária. Esta libertação pressupõe uma profunda transformação tanto exterior e social, quanto interior e individual. Na realidade, estas duas transformações são as duas faces de uma mesma grande transformação. Cada uma complementa e reforça a outra. A transformação exterior e social é aquela que destrói o capitalismo e constrói as novas relações e instituições comunistas. A transformação interior e individual — igualmente social e intimamente articulada a outra transformação — não se reduz à uma simples mudança de ideologia. Trata-se de uma mudança muito mais profunda, uma mudança de consciência. A nova consciência que acomapnha a revolução comunista será uma consciência livre das padronizações bitoladoras, dos apegos escravizantes e dos egoísmos que separam. Essa nova consciência libertará não só nossas mentes, como também nossos corações para uma vida cada vez mais livre, igualitária e fraterna. Tudo isso não é só para o amanhã. O futuro começa hoje.

A PLEBE

"EM DEFESA DO COMPANHEIRO GIGI DAMIANI

Pesquisando a incrível vida do anarquista Gigi Damiani, Eliana Rocha e Jandira Martini, elaboraram um texto teatral que está sendo levado no TBC, em SP. A pesquisa foi feita basicamente nos Arquivos de Edgard Leuenroth, (à quem inclusive é dedicada a peça) que se encontra na UNICAMP e jornais da época. Resultou disto uma peça que não só retrata Gigi, como também as formas de organização do movimento operário da época, seus centros de cultura, imprensa paralelamente aos fatos da greve geral de 1917 em S. Paulo.

O incrível é a atualidade dos fatos, a repressão aos movimentos operários, as leis de expulsão de estrangeiros, as manobras dos industriais, e mesmo a repressão aos órgãos da imprensa operária.

O cuidado da montagem e a fidelidade aos fatos também surpreende, desde o "pano de reclame", (especialidade de Gigi) até o programa no formato do jornal "A Plebe", tudo dentro de um esquema simples devido à limitações financeira do grupo e mesmo porque é parte da proposta do grupo,utilizar as fórmulas do teatro Operário da época, direto, simples, folhetinesco e quase sempre maniqueísta, talvez por isso mesmo de grande aceitação popular.

Infelizmente a peça só é levada às 2as. e 3as. feiras as nove da noite (TBC), mas o grupo tem a proposta de trabalhar junto aos sindicatos e associações, portanto se não der prá ver no TBC (provavelmente vai até dezembro) fique de olho nos programas culturais dos sindicatos, porque esta peça não da prá perder.

EM DEFESA DO COMPANHEIRO GIGI DAMIANI. TEXTO: Eliana Rocha e Jandira Martini. Elenco: Walter Breda, Eliana Rocha, Noemi Gerbelli, Zécarlos de Andrade, Luiz Roberto Galizia, Paulo Herculano e Juliana Ferrite.

MOSTRA ABERTA DE TEATRO E ARTE POPULAR

O Teatro Oficina está realizando uma Mostra Aberta de Teatro e Arte Popular, com grupos profissionais, independentes e amadores. O objetivo da Mostra é fazer um trabalho de criação coletiva entre os participantes, através de laboratórios de dança, coral e intercâmbio das diversas experiências teatrais, numa experiência piloto de autogestão da emprêsa cultural pelos próprios trabalhadores. Os trabalhos serão gravados em vídeo para sua utilização posterior. Dessa praxis emanarão os estatutos da Uzyna, projeto de transformação do Oficina que consiste essencialmente em:

1.º - transformar a emprêsa cultural tradicional numa empresa auto-gerida pelos trabalhadores-criadores.

2.º - fundir e integrar todos os meios de expressão artística. Teatro, Cine, Video, Circo, Dança, Coral - e lançar o produto cultural simultâneamente em todos os canais de acesso dos média (teatro, radio, cine, televisão,imprensa escrita) completando essa ação com a promoção de cursos de distintos níveis dessas modalidades expressivas.

Trata-se de uma proposta em gestação, que exige de seus participantes uma atitude de militância ativa, comprometida com o trabalho de cada um. Trata-se de defender os **direitos trabalhistas** do trabalhador cultural assumindo tanto a responsabilidade da criação como a da entrega do produto à sociedade, procurando estabelecer a rotatividade das funções que quebre a prática alienante do trabalho não-criativo concentrado em algumas pessoas. Cada grupo discutirá a maneira de viabilizar a proposta, mas o movimento geral será de encaminhamento à AUTOGESTÃO da empresa cultural.

Paralela e convergentemente o Grupo Oficina está concluindo o filme "O Rei da Vela", baseado na obra de Oswald de Andrade e fará seu lançamento mundial nos Estúdios da Vera Cruz, pioneira do cinema nacional, com o co-patrocínio da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo durante a segunda quinzena de dezembro próximo. Este filme, iniciado em 1971, encerra 10 anos de luta para chegar à sua conclusão e revela de maneira paradigmática o impacto da vida política e social do país na cultura em geral e em particular num dos poucos grupos que resistiram duas décadas de luta. "O Rei da Vela", filme, transcende o clássico oswaldiano e relaciona a História do Oficina com a História do Brasil e com as História de cada um de nós. Seu lançamento será feito dentro do Projeto Uzyna, com outros filmes do Polo Independente de São Paulo e com espetáculos de Dança, Vídeo e Teatro ensaiados durante a Mostra, durante uma Semana de Festa promovida por sindicatos e entidades que aderiram à luta por uma ANISTIA CULTURAL encabeçada pelo Oficina e materializada no Projeto Uzyna.

O PARAÍSO PERDIDO

Entrou em circuito comercial o novo filme de CARLOS REICHENBACH, "O paraíso Proibido".

Escrito e dirigido pelo próprio Reichenbach, trazendo a história de um adialista de sucesso na capital, que larga tudo e parte para recomeçar sua vida numa pequena cidade do litoral.

Em todos os sentidos o filme foge do lugar comum em que se encontram a maioria das recentes produções nacionais, começando pelo tratamento dado ao tema, com o personagem principal (Jonas Block) assumindo uma postura libertária diante de todos os seus relacionamentos, desde profissionais até íntimos).

Tudo isto tratado de uma forma realista e mesmo comovente, sem cair no habitual "mundo cão".

Tem ainda uma trilha sonora muito bonita, e de quebra uma fotografia impecável. Estreou em SP, em meados de Outubro, portanto deverá sair de cartaz logo, para dar lugar à algum enlatado americano, mas se passar na sua cidade, não dê bobeira, e vá ver.

"O PARAISO PROIBIDO" com JONAS BLOCK, VANESSA, SELMA EGREI, PATRICIA SCALVI e LUIS CARLOS BRAGA.
TRILHA SONORA: OSVALDINHO, ALMIR SATER, HYLDON, TADEU, PEPETE, CARLITO e BADUÍ. Escrito e dirigido por Carlos Reichenbach.

"O PÃO DA TERRA"

A mesa esta posta,
Vinde e sentai-vos!
Há pão em abundância.

Cada ser serve-se
Conforme seu desejo.

Vindê
Sentai-vos que a mesa está servida.
Não há discriminação.
Aos que produzem,
O pão será ofertado Generosamente.
Se água luz e ar são bens comuns,
Porque o pão não há de ser?
Todos são necessáriot
A coletividade.

Sem o rude braço executor,
Que seriam dos cálculos e plantas
Nas construções?

Sem sanitaristas e lixeiros
Que seria da saúde de todos?

Sem camponeses roteando a Orbe
Que seriam dos sábios nos laboratórios?

Sem a rebelião dos oprimidos
Que seria da liberdade?

Vinde!
Sentai-vos, que a mesa está pronta
Para os que tem fome
De justiça,
De liberdade,
De amor,
De pão.

Antonio Costa.
Laranjeiras, 25.6.81

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O INIMIGO DO REI REPUDIA A "LEI DOS ESTRANGEIROS" E TODOS QUE COMPACTUAM OU SE OMITEM DIANTE DELA.

O PODER DA RUA

Pedro Porfirio em boa hora resolveu passar para o papel a história da **ALMA (Associação dos Moradores da Lauro Muller e Adjacências).**

O resultado foi um livro de 110 páginas que relata o nascimento e evolução de uma extraordinária experiência de **autogestão**, num bairro do Rio de Janeiro.

Em 1975, as 114 famílias do Edifício Alfa, na rua Lauro Muler, cansadas de serem exploradas pela administradora e fartos de sua própria inércia, resolveram em **Assembléia Geral**, adotar a **autogestão** do prédio.

Em três meses foi experimentada uma liberdade total, para crianças e adultos, dentro do edifício. Cada qual agiu como quis e apesar de algumas reclamações, não houve excessos. Por outro lado o balancete das despesas apresentou uma economia real, provando o roubo descarado da empresa administradora.

Designou-se no Edifício, em cada andar, um representante e foi criado um **Conselho de Representantes.**

Liberdade de decisão para cada andar, que foram pintados, decorados e melhorados em seu aspecto estético conforme livre decisão de seus habitantes.

Criou-se também um **Conselho de Empregados do Edifício.**

Mudou-se a mentalidade da maioria dos condôminos e a experiência se tornou vitoriosa.

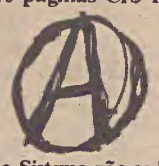
O edifício **Alfa** passou a ser objeto de admiração do Bairro. Foi aí que o general da reserva Leandro Figueiredo, de mentalidade extremamente liberal e até com idéias socializantes, procurou contacto com o edifício Alfa para solucionar o problema de área de lazer que poderia ser perdida para a construção do Shopping Center Rio-Sul.

Nesse preciso momento Porfírio recebeu a sugestão, de Lysaneas Maciel, para se candidatar a vereador pelo MDB no Rio.

É ele próprio quem conta: **"Refleti. O prédio estava unido. A rua abria os olhos. Uma candidatura naquele momento atrapalharia e confundiria as pessoas. O comum é isso. Ninguém quer ser chão, brotar junto com os outros. As pessoas fazem trabalho de massa, como se a massa fosse um bando de idiotas a ser trabalhado. E aí, na primeira oportunidade, botam as unhas de fora. Querem mesmo é tirar proveito do descontentamento, das carências. Proclamam-se logo os mais indicados para representarem os descontentes".**

E a partir dessa reflexão e de sua negativa de ser candidato político, foi lançada a idéia de um **Conselho de Representantes da rua** e assim teve início a Alma e sua trajetória pioneira de autogestão de moradores de bairros.

Recomendamos a todos a leitura de **O Poder da Rua, de Pedro Porfirio, Editora Vozes, 1981, 110 páginas Cr$ 180,00.**



Por que o Sistema não se Trumbica

A Universidade de Louvain-A-Nova, na Belgica, promoveu movimentado debate com três personalidades heréticas: Daniel Cohn-Bendit, alemão, anarquista, judeu, figura notável dos acontecimentos de maio de 1968, na França; **Cornelius Castoriades**, grego, economista, filósofo, analista, editor de Socialismo ou Barbarie, crítico feroz da burocracia e das crenças marxistas; o terceiro, um **publico** de mil pessoas, vibrante, as vezes ireverente, agressivo e até bitolado, intolerante.

O tema em discussão **Ecologia e Autonomia** foi rapidamente ultrapassado por inúmeras questões de difícil resposta.

Castoriades interroga o porque da permanência do **sistema** que na realidade deveria suscitar a oposição da maioria. Afasta prudentemente, a resposta da velha esquerda, de que é devido a repressão e a manipulação das pessoas. Para ele, o **sistema** permanece de pé, por conseguir a adesão das pessoas. É uma adesão e não simples passividade, ainda que haja momentos de revolta. A adesão é causada pela **fabricação social do indivíduo**. Os dois aspectos desse processo são: a instalação na mente das pessoas, na mais tenra idade, de uma relação com a **Autoridade**. Imagina-se que a Autoridade tendo o **poder**, tem consequentemente o **saber**.

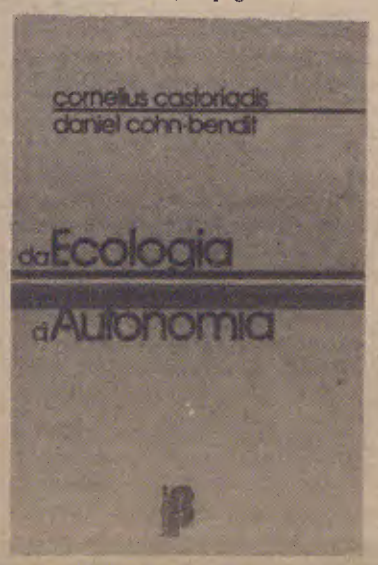
O outro aspecto é o da criação de necessidades artificiais que precisam ser satisfeitas. Estão aí as lojas abarrotadas de badulaques, TVs, automóveis. E a coisa funciona, produz, trabalha, compra, consome e volta a funcionar. O consumismo é a saúde do **SISTEMA.**

Aí estão alguns aspectos, não todos evidentemente, da permanência do sistema.

As diversas intervenções de Cohn-Bendit se fizeram no sentido de uma crítica aos que pretendem mudar o modo de vida, as interelações pessoais pela tomada do aparelho do Estado. Há também uma consciência clara de que na história, em determinados momentos, se produzem situações de ruptura. Surgem brechas nas quais é possível mudar de relações sociais. O exemplo de 68 volta várias vezes no questionamento do tema.

Por que o sistema não se trumbica? Pergunta de variadas respostas que foram gravadas durante as discussões e posteriormente transformada em magnífico livro.

Da Ecologia à Autonomia, editora Brasiliense, 1981, 87 pág.s Cr$ 250.



ROMANCE DE UMA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA

Em 3ª edição o romance de Afonso Schmidt **A Colônia Cecília**, relato da experiência comunitária do agrônomo Giovanni Rossi e seus companheiros libertários em terras do Paraná.

O livro era, até a pouco tempo atrás, a única fonte brasileira para suprir os estudiosos de informações históricas e sociológicas sobre o episódio, apesar de ficção e realidade entrelaçarem-se na obra.

Frizamos que Schmidt fez relato poético da luta duríssima dos emigrantes italianos na tentativa de vivenciar na prática uma comunidade sem explorados e exploradores.

Um alerta é necessário para não tomarmos nuvens por Junho, como estão fazendo os menos informados. Figuras como a de Gióia são puramente ficcionais, bem como as causas do fenecimento da Colônia.

Indispensável se torna a leitura do trabalho do próprio Rossi **"Cecília, una comunitá sprimentale"**, o que nem o próprio Newton Stadler de Souza fez para elaborar o seu meritório livro **O Anarquismo na Colônia Cecólia** (Editora Civilização Brasileira - 1970).

De qualquer maneira, o romance do escritor paulista é leitura obrigatória e atraente para os que se iniciam na história das lutas libertárias no Brasil.

A Colônia Cecília - romance de Afonso Schmidt, Editora Brasiliense - S. Paulo, 1980 - Cr$ 300,00.

Se você deseja entrar em contato com o pessoal de O Inimigo do Rei escreva para:

Caixa Postal — 2540, CEP 40000, Salvador, Bahia.

Caixa Postal — 11.277, CEP 05421, São Paulo, Capital.

Caixa Postal — 10.563, CEP 90000, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Caixa Postal — 15.001 - CEP 2000 - RIo de Janeiro.

LEIA ERVA DANINHA Nº 1

LEIA ZARATRUSTA Nº 1

"Poesia Marginal"

Recebemos correspondência dos seguintes companheiros, que infelizmente a falta de espaço não permite publicar. A todos eles abrações libertários:

ÁLVARO CARDOSO - Poeta de "Puro Prazer Anarquia" poeta marginal com muito orgulho.

GENÉSIO DOS SANTOS - e o seu "Número um" de poemas porretas,tirados do fundo da vida e das brigas...

GLAUCO MATOSO - e o seu hiper incrível "Jornal do Brasil" (1977/1981) devaneios anarco-coprofágicos.

GILBERTO MENDES - Anarco-musicador da "Rapsódia Proudhoniana" e de "Santos Football Music"; que Bakunin te Saude.

RAUL CRISTHIANO SANCHES - Cantador de "Enxoval para Bebe(r)". Poeta independente que põe suas belezas na praça...

ULISSES TAVARES - E "Contra-Mão", "pega gente", "O eu entre nós", rodando o Brasil com seu canto livre moldado em sentimento e vontade.

LUIS SÉRGIO VIVEIROS - Mano velho de guerra, agora na briga com "SOLUX" jornal literário transadíssimo: uma porrada na caretice.

"CARTAS"

Santos, 7/09/81

Companheiros:

Foi uma grata surpresa encontrar o Inimigo do Rei nº 14 - ano V - em uma livraria daqui de Santos. Não pensei duas vêzes ao comprá-lo, visto que sempre vi vários nºs na Livraria Avanço (Av. Paulista, 807) quando estava em São Paulo, mas nunca me sobrava dinheiro.

Como a distribuição em Santos se deu sòmente com o nº 14 e em apenas uma Livraria e uma banca por aí parou, resolvi lhes escrever. Além do meu interêsse em adquirir uma coleção completa d' O Inimigo do Rei, quero saber se interessaria aos companheiros possuir uma pessoa responsável pela distribuição dos jornais nas bancas e livrarias de Santos, Guarujá, Cubatão, num total de mais de 50 bancas, segundo levantamento e localização das mesmas por mim realizado. Posso até fornecer a relação para vocês.

Aguardo contacto o mais rápido possível, vou à São Paulo, provavelmente no começo de outubro.

W. S. Santos S.P.

Terra, quarto crescente, chove

Companheiros

Através da Revista Planêta, ficamos sabendo da existência do Inimigo do Rei. Nós sentimos a falta de uma leitura que nos deixe à par das coisas anárquicas.

Estamos muito felizes em conhecê-los. Gostaríamos que nos mandassem informações sobre preço, quantos números já foram editados, se vocês transam pelo reembolso postal, etc., etc.

No mais, estejam com nossa força para tocar esta consciência universa.

Paz

Ulyses Cabral - Macaé - RJ.

Aos trancos e barrancos chegamos ao nº 16, e, no que depender de nós, não vamos parar tão cedo, já te enviamos, pelo correio, o que sobrou dos nºs atratados e uma carta mais detalhada. Quanto às assinaturas veja o expediente deste nº Axê.

Autogestão

Estou lhe escrevendo imbuído de grande entusiasmo; felicidade de saber que nesta terra homens vivem por um ideal maior, lutam e utilizam-se da palavra para a conscientização das massas, preparando as mentes para se autogovernarem.

Mas o principal motivo está na minha vontade de participar ativamente do movimento anarquista, pois à muito sofro por fazer funcionar uma máquina em que não acredito, por vender-me pelo que não quero, por representar fidelidade aos opressores.

Finalizando peço que me escrevam dando-me idéias e também como e onde adquirir bons livros sobre o anarquismo.

Despeço-me na esperança de colaborar para um mundo sem dominadores, sem dominados.

J.V.

Campinas - S.P.

Você escreveu para Autogestão, mas devido à importância da sua carta, tomamos a liberdade de publicá-la e respondê-la. É difícil aconselhar um método de militância, pois no fundo a autogestão generalizada passa pela auto gestão das lutas e pela liberdade do indivíduo. A discussão e o debate tem um papel importante e constituem um bom comêço, estamos lhe enviando alguns nºs atrasados e outras pequenas publicações. Manteremos contato. Quanto aos Livros, muita coisa boa tem sido publicada últimamente no Brasil; Nas resenhas do Inimigo divulgamos algumas, que podem ser adquiridas em livrarias ou pedidas por reembolso postal na editora.

O INIMIGO DO REI, QUE NÃO CRÊ, REZA TODO DIA PARA QUE PINOCHET, VIOLA, STROESSNER SE JUNTEM RAPIDAMENTE COM SOMOZA NO CÉU.

Polônia: Abre mais que agora vai

STRAJK OKUPACYJNY
STOCZNIA GDYNIA 15 VIII 80

(Extraído do Boletim nº 5, do canteiro naval de Gdansk, de 26 de agosto de 1980).

Uma mulher chega ao médico:

— Doutor, examine-me.

— Minha senhora, eu sou um veterinário. Não cuido de humanos...

— Mas doutor eu sou uma besta. De manhã, quando levanto corro pela casa, arrepiada como um cão ou um gato; corro pro trabalho como um cavalo; me penduro no ônibus como um macaco; trabalho como um camelo; defendo a minha família como uma leoa; chegando em casa de noite já estou dormindo em pé e ouço meu marido gritar: "Acorda coruja". Talvez o senhor possa me dar um remédio milagroso que me transforme num ser humano.

Há um ano a Polônia vem atrapalhando o "sono de tripa forra" dos burocratas stalinistas. Os democratas do Ocidente cristão e proprietário, depois de um breve espasmo de antegozo — julgando chegado o fim do império russo — misteriosamente emudeceram... Na esquerda semi-ortodoxa buchichos desencontrados. Afinal, o que ocorre neste curioso campo de batalha criado pelos desatinos do velho Napoleão?

De análises proféticas, o leitor já deve andar de saco cheio. Com um pouco mais de informações o próprio leitor poderá desmascarar estas frágeis profecias.

O que se passa, então? Será que a milenar arte de Nostradamus está definitivamente perdida? Será que os poloneses estão, escrupulosamente, escondendo do mundo o que realmente lá se passa?

Não acreditamos nessa hipótese. Simplesmente os acontecimentos na Polônia estão indo numa velocidade por demais vertiginosa para poder ser acompanhada por olhos dogmáticos de análises já prontas — "basta requentar e usar" —, os olhos dogmáticos são lentos!

Não vamos gastar mais papel em cegueira, mas em colírio.

A Polônia nasceu como estado moderno durante as guerras napoleônicas, constituída sobre uma nobreza semi-decadente empapada de iluminismo francês. Anexada, após a derrota de Napoleão, pelo império russo é sede de constantes revoltas nacionalistas selvagemente reprimidas. Quem se fode são os camponeses sem terra, duplamente espezinhado: pela aristocracia nacionalista e pelo invasor czarista.

Depois da revolução russa forma-se uma república "independente", mais prá Paraguai que prá Suíça. Mas Hitler acaba com a festa, faz um acordo com Stalin e invade a Polônia num relâmpago.

Em 45, Stalin vem "libertá-la". "A Polônia sai de uma guerra desumana, sangrenta de 6 anos à convicção de que a sociedade não suportaria uma guerra civil estava tão difundida que nem o exército branco pregava o confronto. O novo sistema na esperança ingênua de que, ainda que imposto, realizaria ajusta social." **(Jacek Kuron).**

A partir de 55 a Polônia começa a se reerguer. A socialização e a industrialização forçada recuperam um pouco o país, mas às custas do sangue dos operários. Em 56, após o levante húngaro, uma revolta dos operários de Poznam incendeia toda a Polônia. Como a repressão "num tava mais segurando" os burocratas são forçadas a mudar a fachada: choram lágrimas de crocodilo, batem no peito um "mea culpa"; Gomulka, uma versão comunista de Getúlio, assume o poder, cede algumas ninharias e muitas promessas. Para botar ordem na casa começou a propaganda: "É preciso crescer o bolo antes de dividí-lo", "Vamos construir juntos", "Ninguém segura o socialismo"... E o povo caiu nessa, e os meios de produção continuaram nas mãos do Estado. Quanto à greve e sindicatos livres, neca, que isso aqui é uma ditadura do proletariado.

Desde então começou a amadurecer uma idéia nova: "Cada vez mais parecia possível a construção de uma sociedade alternativa que a luta armada." **(Kuron.)** Até que, em 1970, uma revolta nos estaleiros de Gdansk é afogada em sangue. Decretada a falência do governo que tenta disfarçar, cai Gomulka sobe Gierek, que tenta retomar o populismo de Gomulka, mas já é tarde: o povo já não acredita no governo. A partir de então a luta não mais irá cessar. Tem pontos altos, mas é constante. "Todas as camadas sociais devem ter a possibilidade de se autoorganizar e de criar as instituições sociais que garantirão seus direitos". **(Declaração do Comitê de Fundação dos Sindicatos Livres do Báltico, abril de 1978).**

TRECHOS DE UMA ENTREVISTA

"O programa para agora
é uma sociedade democrática
organizada em associações profissionais ou cooperativas, econômica e localmente autogeridas."

(Jacek Kuron, Robotnik, julho de 1980).

TRECHOS DE UMA ENTREVISTA COM JACEK KURON — "O problema das relações sociais na Polônia e nos países de campo socialista apresenta-se, em certos casos, similar ao do ocidente, mas em outros adquire caracteres de antecipação e originalidade; a antecipação está numa estatização dos meios de produção que representa o máximo de concentração financeira e industrial, até agora alcançando na história, esta tendência atua também no ocidente. O modo de produção socialista comporta uma forma de colaboração estruturada em torno de uma disposição central dos meios de produção (...) Também aqui a colaboração social está dirigida por uma "classe dominante" restringidíssima. (...) Não acredito que um homem se comporte de forma determinada pelo seu papel social. Esta é uma ulterior alucinação marxista que quer atribuir ao homem um comportamento determinado em todas as circunstâncias de sua vida. Na verdade um operário é um operário a menor parte de sua vida, no resto pode ser um desportista, um criador de pombos, um polaco ou um keniata. (...) Neste modo de produção todos têm consciência de trabalhadores com relação ao Estado-Patrão. (...) O gigantesco papel da Igreja se explica precisamente nestes têrmos: é um enclave de liberdade e autonomia de defesa pelo qual os camponeses e operários estão dispostos a sacrificar muito (...) E sua certeza de que a invasão da Polônia marcaria o final do império soviético, é nossa maior chance política".

Entre 1º de agosto e 17 de outubro de 1980, algo de muito profundo ocorre na Polônia; um movimento expontâneo, de certo modo utópico: O POVO SIMPLESMENTE DEIXA DE OBEDECER. As greves se tornam greves selvagens, sabotagens, o povo na rua, movimento tendo como essência um dato incontestável: O POVO POLONÊS PERDEU O MEDO DO PODER CONSTITUÍDO. Depois de tanta demagogia, de tanta miséria, era inútil confiar nas propostas dos governantes, era inútil trocar de governo, o único passo fundamental era ACABAR COM O GOVERNO, DEPOIMENTO DE BEPPE DE SIMONE (de origem anarco-comunista), TESTEMUNHA OCULAR DOS ACONTECIMENTOS DE GDANSK — "Esta crônica direta das negociações, era muito impressionante, nos estaleiros e na cidade todos puderam seguir, sem intermediários, os andamentos das negociações, fazendo pesar na hora a sua opinião por que a comunicação direta funcionava em duplo sentido, e governo e os operários reagiam diretamente. (...). Entre a sociedade e o partido existe um abismo. Os técnicos, os chefes, a aristocracia operária — que fez carreira com a carteirinha do partido na mão — estavam fora da greve. A muitas pessoas perguntamos o que pensavam das mudanças da cúpula do partido e todos responderam que não lhes importava nada."

"Não queremos o poder.
Queremos criar estruturas
democráticas capazes de
controlar não só o governo
como a nós mesmos."

(Lech Walesa, novembro de 1981)

O que vem a ser o Sindicato Livre e Autogestionário Solidariedade? Qual é a essência da proposta construída pelos sindicatos poloneses?

A resposta está na simplicidade de sua proposta. Uma tentativa de autogestão generalizada da sociedade, a única alternativa socialista dentro da crise do capitalismo de Estado sem voltar à estupidez do capitalismo privado.

Para agonia da ditadura do proletariado; A PROPOSTA DO ANARQUISMO CLÁSSICO, A GESTÃO DOSMEIOS DE PRODUÇÃO POR QUEM PRODUZ, SE TORNOU NÃO SÓ TERMO DE NEGOCIAÇÃO COMO TAMBÉM A ÚNICA FORMA DE SALVAR A POLÔNIA DO BURACO ECONÔMICO EM QUE SE ENCONTRA.

Consciência disto existe, tanto é que se as pressões por intermédio das greves não resolveram, e levarem ao aprofundamento da crise econômica, a proposta é a greve ativa: manter a fábrica funcionando e o sindicato assumindo a distribuição da produção até o consumo. (Proposta aprovada no Congresso do Solidariedade).

Que ninguém se iluda, dentro do movimento tem de tudo: CIA, KGB (que agora trocou de nome, mas não de métodos), tem a Igreja... Walesa se sustenta na direção a duras penas, vários líderes tentam segurar o movimento. Isto o demonstra o próprio Congresso do Solidariedade que com duras críticas — aprovadas em plenária — contra a política personalista de Walesa, combate o próprio personalismo dentro da organização e contrapõe a prática constante da democracia direta, das decisões de base. Assim mesmo, quando a Comissão Nacional do Solidariedade se coloca contra as greves, é nas fábricas que elas se decidem e é por aí que a própria Comissão Nacional termina sendo forçada a assumir as propostas mais radicais, inclusive a autogestão.

É nesse caminho repleto de adversidades que os trabalhadores poloneses se encontram, é vencendo estas infiltrações que o movimento se valoriza, é com a desobediência civil e com o apoio mútuo que se sustenta, é com perspectivas libertárias que consegue avançar. A autogestão não se decreta, não se autoriza, é como a liberdade: se conquista na luta." Será realmente necessário, durante um tempo, que nós coexistamos com nosso sistema totalitário de Estado e de partido. Ele fará tudo o que estiver ao seu alcance para destruir nossas organizações democráticas; sabotará nossas decisões, tratará de comprometer e corromper nossos militantes e fará intimidação e chantagem. Será necessário que nos defendamos e arranquemos, pedaço por pedaço, o terreno pertencente ao sistema. Em outros termos: os organismos autogeridos terão cada vez mais tarefas a cumprir. Nós podemos levá-los a termo com a condição de ter a nosso favor a vontade de agir de toda a sociedade. "Jacek Kuron, Robotnik, julho de 1980).

A burocracia talvez se recupere, talvez reprima (vide tchecos, húngaros), mas o estopim já foi aceso. E depois de morder a maçã da autogestão já pipocam sindicatos clandestinos livres na HUNGRIA, ROMÊNIA e RÚSSIA — curiosamente na Ucrânia, onde viveu Mackno, o anarquista que depois da perseguição do exército de Trotsky ficou conhecido como "O Bandido da Ucrânia" nas enciclopédias oficiais.

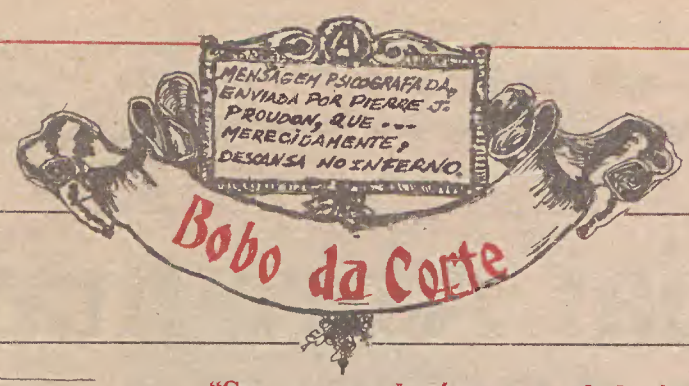
FONTES:
REVISTA BICICLETA-ENTREVISTA DE KURON (publicada na revista Autonoma METROPOLI, apreendida na Itália).
Revista ANARCHICA nº 7 (La Rabia Operaria — Itália). POLÔNIA...— CHED Editorial, 1981.

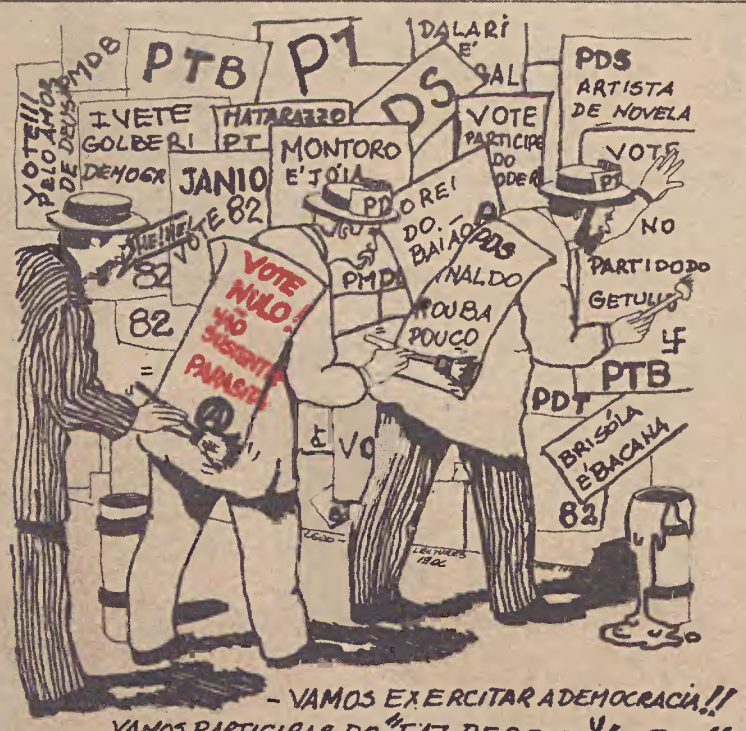
O QUE HÁ PARA LER:
Revista Autonomia — (CAPPS) nºs 1 e 2 — Centro de Assessoramento e Publicações.

2 — Organismo Econômico da Revolução

3 — Se você quizer receber os originais dos boletins do Solidariedade à partir do nº 1 até o número 13, juntamente com o Projeto Original dos Estatutos de Fundação do Sindicato Autogerido, as entrevistsa dos dirigentes do sindicato livre da Rússia (SMOT), os diários e cronologia das greves Polonesas, boletins e manifestos em francês (XEROX), escreva para o INIMIGO DO REI, CX. POSTAL 11277 com vale postal ou cheque no valor de 890,00 cruzeiros nominais à Renato Carvalho de Almeida Filho. Qualquer livro acima pode ser requerido mediante carta ao INIMIGO DO REI.

LEIA AUTONOMIA nº 1 e 2





– VAMOS EXERCITAR A DEMOCRACIA!!
VAMOS PARTICIPAR DO "FAZ DE CONTA"! - 82!!
MÃOS À OBRA, E HAJA SPRAY!!!

"Ser governado é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, parqueado, endoutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não têm nem o título, nem a ciência, nem a virtude (...). Ser governado é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, notado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, rotulado, admoestado, impedido, reformado, reenviado, corrigido. É, sob o pretexto de utilidade pública e em nome do interêsse geral, ser submetido à contribuição, utilizado, resgatado, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; depois, à menor resistência, à primeira palavra de queixa, reprimido, multado, vilipendiado, vexado, acossado, maltratado, espancado, desarmado, garrotado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído e, no máximo grau, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o govêrno, eis a sua justiça, eis a sua moral! (...). Oh!, personalidade humana! Como foi possível deixares-te afundar, durante sessenta séculos, nesta abjeção?"

ONDE REINA O CAPITAL E O MILITARISMO:
A DEMOCRACIA SE PROSTITUI
E O PARLAMENTAR É UM MERO
CAFETÃO.

Desde o início do século, a imprensa libertária vem se mantendo às custas de incontáveis sacrifícios. Se mantém na luta pela única utopia que não foi queimada pela história: A Lanterna, A Plebe, Ação Direta, Combate, O Inimigo do Rei, Barbárie, Autogestão... Alguns nomes, uma mesma saga de combatentes pela liberdade. Contra o capitalismo, seus patrões e seus algozes, e também contra os burocratas das ditaduras do proletariado, se colocando a favor da luta autônoma dos trabalhadores, como seres humanos (negros, mulheres, homossexuais, etc.), com eles aprendendo e ensinando a liberdade, a idéia anarquista. Dessa forma se coloca como porta-voz e é hoje a única alternativa que é uma opção real a todos os dogmatismos, sectarismos e paternalismos. Por isso mesmo se encontra em dificuldades, não conseguindo se manter como mensal, conforme pretendíamos. Entendemos que a responsabilidade com a manutenção do jornal — e a única garantia de sua autonomia — é de cada simpatizante que tem nele o espaço aberto para se manifestar. Porém, a base de nossa própria aprendizagem na construção de nossa experiência de autogestão é a relação de trabalho: o jornalista é também o jornaleiro. Portanto a relação entre todos nós na luta pela continuidade do jornal deve ser uma relação de trabalho e também de tesão. Assine e divulgue o Inimigo do Rei: Faça 4 assinaturas do IR e ganhe uma de graça.

A assinatura de apoio por um ano é Cr$ 500,00, mande um vale postal ou cheque em nome de Renato Carvalho de Almeida, filho. Se você quiser distribuir o IR entre em contato com o núcleo libertário de sua cidade, ou então escreva para a C.P. 11.277, SP e mande um cheque nominal para o mesmo Renato com 70% do preço de capa do número de exemplares que você quiser.

O Inimigo do Rei já resiste há 5 anos somente pela solidariedade e pela confiança na experiência da autogestão, participe dessa luta.

assinatura O INIMIGO DO REI

NOME: .....
ENDEREÇO: .....
CEP: ..... CIDADE: ..... ESTADO: .....

UM JORNAL ANTIMONARQUISTA